



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Juliana de Mattos Sicco

**ABORDAGENS PEDAGÓGICAS SOBRE O ENVELHECIMENTO:**  
das possibilidades da inserção dos estudos gerontológicos no currículo escolar

Porto Alegre  
1º sem. 2011

**Juliana de Mattos Sicco**

**ABORDAGENS PEDAGÓGICAS SOBRE O ENVELHECIMENTO:**

das possibilidades da inserção dos estudos gerontológicos no currículo escolar

**Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.**

**Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll**

**Porto Alegre**

**2011**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho e que, de alguma maneira, contribuíram com a minha formação pessoal e profissional. Agradecer é reconhecer que, mesmo por um momento, se precisou de alguém.

Necessário dedicar esse trabalho aos meus professores e professoras da Faculdade de Educação que me ensinaram muito além das teorias e dos métodos. Em especial, ao meu professor orientador Johannes Doll, cuja dedicação ao tema do envelhecimento inspirou o meu trabalho e o meu crescimento pessoal.

Aos estudantes que contribuíram com minha formação ao longo da graduação, sendo sujeitos da minha ação pedagógica. De forma especial, aos alunos da turma citada nesse trabalho, visto que contribuíram para ilustrar as possibilidades de uma proposição interdisciplinar e intergeracional, na qual acredito.

Aos meus irmãos e todos aqueles que, pela dedicação, pela amizade ou pelo simples convívio ao longo desses anos, tornaram-se imprescindíveis. Aos meus colegas, por todo apoio e encorajamento. Em especial, a minha colega e amiga Ângela Pertile com quem dividi as angústias e alegrias do processo de construção do presente trabalho. Aprendi com todos vocês que, a amizade, a parceria e a colaboração são fundamentais para enfrentar desafios.

Aos meus avós e pais por vibrarem a cada conquista e pelo auxílio que possibilitou que eu seguisse, durante toda a graduação, conciliando o trabalho e os estudos, sem nunca precisar desistir de nenhum deles. Em especial, ao meu pai, José Cláudio Sicco, que me ensinou com seu exemplo e suas palavras, a importância dos estudos, do conhecimento e da honra.

Agradeço ao Diego e a todos que dedicaram a mim votos encorajadores e amor incondicional, pois como nos diz Antoine de Saint Exupéry "O essencial é invisível aos olhos".



Fonte: imagem retirada do site [http://br.olhares.com/geracoes\\_foto2245921.html](http://br.olhares.com/geracoes_foto2245921.html), em 19/03/2011, às 19h.

*Quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação.*

*Ecléa Bosi, 1987*

## RESUMO

Falar de educação associada ao envelhecimento não é falar apenas das práticas de ensino destinada aos idosos. Compreende, também, falar sobre os idosos e o processo de envelhecimento às pessoas de todas as idades. Neste trabalho, traço um histórico sobre os estudos gerontológicos, articulando-o à análise teórico-reflexiva a cerca do currículo escolar, na tentativa de compreender se é possível introduzir o estudo do envelhecimento nos planejamentos de ensino. Com base na legislação brasileira que indica a obrigatoriedade do trabalho com o tema nos diferentes níveis de escolarização, lanço um olhar para as possibilidades pedagógicas do trabalho com a temática. A metodologia adotada incluiu a revisão teórica no campo da gerontologia e o estudo de documentos oficiais que dispõem sobre o currículo e/ou sobre o envelhecimento. Além da análise das produções escritas produzidas em uma experiência de observação e prática docente com uma turma de 4º ano, da rede pública estadual de Porto Alegre/RS, durante minha graduação, quando foi abordado o tema “educação, sociedade e envelhecimento”. As análises realizadas a partir das produções acima referidas, junto com os demais documentos explorados, corroboram minha crença, fundamentada nos estudos da gerontologia de que envelhecer é um processo inerente à vida humana, o qual pode gerar questões perturbadoras, porém fundamentais para nossas vidas e, portanto, não pode ser um assunto negado nem dentro, nem fora dos muros da escola.

**Palavras chave: Envelhecimento. Educação. Currículo Escolar.**

## ABSTRACT

Speaking of education associated with aging is not only speak of teaching practices for the elderly. It also includes talking about the elderly and the aging process to people of all ages. In this paper, trace a history of gerontological studies linking it to the theoretical analysis and reflective about the school curriculum in an attempt to understand whether it is possible to introduce the study of aging in the planning of education. Based on Brazilian law states that the obligation to work with the subject at different levels of schooling, I cast a look at the pedagogical possibilities of working with the theme. The methodology included a literature review in the field of gerontology and the study of official documents that have over the curriculum and / or on aging. Besides the analysis of written productions produced in one observation and experience of teaching practice with a group of 4th year, in a public school in Porto Alegre / RS, during my graduation, when the theme "education, society and aging" was treated. The analysis performed from the above productions, along with other documents exploited, confirm my belief, based on the study of gerontology that, aging is a process inherent in human life, which can generate disturbing questions, but fundamental to our lives, and which therefore can not be denied an issue inside or outside the school walls.

Keywords: Aging. Education. School Curriculum.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>1 OS ESTUDOS GERONTOLÓGICOS .....</b>	<b>10</b>
1.1 História da Gerontologia.....	10
1.2 Aspectos demográficos .....	12
1.3 Desdobramentos do envelhecer e outros conceitos.....	14
<b>2 EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO .....</b>	<b>19</b>
2.1 Gerontologia educacional .....	19
2.2 Dimensão socioeducativa entre diferentes gerações .....	20
<b>3 CURRÍCULO E ENVELHECIMENTO .....</b>	<b>22</b>
3.1 Concepções curriculares em instituições formais de ensino .....	22
3.2 Fundamentos Legais e Diretrizes Básicas .....	23
<b>4 PLANEJAMENTO DIDÁTICO PEDAGÓGICO .....</b>	<b>27</b>
4.1 Contextualização da Prática Pedagógica .....	27
4.2 Objetivos .....	29
4.3 A construção dos Planos Diários .....	30
4.4 Avaliação .....	35
<b>5 PERCEPÇÕES E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS .....</b>	<b>36</b>
5.1 Do aprofundamento dos conceitos gerontológicos .....	36
5.2 Ressignificação da aprendizagem escolar .....	37
5.3 Alguns olhares infantis na representação da velhice .....	39
<b>6 POR ONDE ANDEI, SIGO - CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICE A – PLANOS DIÁRIOS .....</b>	<b>49</b>

## APRESENTAÇÃO

No século XX, desde os primeiros anos, existiram grandes avanços nos estudos sobre o envelhecimento. Até a década de 1930, a gerontologia - denominação derivada de *gero* (velhice) e *logia* (estudo) - era praticamente restrita aos estudos dos aspectos biológicos do envelhecimento e da velhice. A partir daí, as pesquisas rumaram para os mais diversos campos e se propuseram a avaliações mais transdisciplinares.

Diante dos estudos por mim desenvolvidos para a elaboração desse Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Pedagogia, adoto como objetivo traçar um histórico sobre os estudos gerontológicos. Busco identificar o que foi produzido na área até então, articulando esses estudos com uma análise teórico-reflexiva acerca do currículo escolar, incluído o Ensino Fundamental de Nove Anos, na tentativa de compreender se é possível introduzir o estudo do envelhecimento ao nível de ensino referido.

A metodologia adotada incluiu a revisão teórica e a análise das produções escritas (artigo e planejamento pedagógico)<sup>1</sup> derivadas da experiência de observação e prática docente<sup>2</sup> com uma turma de 4º ano, da rede pública estadual de Porto Alegre. Nessa turma, ao pensar em possibilidades pedagógicas para trabalhar essa temática, foi abordado o tema “educação, sociedade e envelhecimento”.

Por meio de suas falas, hábitos e brincadeiras, o grupo foi convidado a expor suas opiniões e conhecimentos sobre a velhice. Tal experiência corroborou minha crença de que o espaço da escola, mais precisamente o da sala-de-aula, pode ser entendido como espaço legítimo para se falar sobre o envelhecimento.

Fundamentando-me nos estudos de Doll (2004), penso que envelhecer trata-se de um processo inerente à vida humana, que pode gerar questões perturbadoras, porém fundamentais para nossas vidas e que, portanto, não pode ser um assunto negado nem dentro, nem fora dos muros da escola.

<sup>1</sup> Requisitos da disciplina de Seminário de Docência: saberes e constituição da docência - 6 a 10 anos ou EJA, referente ao 6º semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Proposta curricular que compreende a uma semana de prática docente, antecedida por outra de observação em sala de aula de Anos Iniciais ou EJA. Nesse caso, o período de 10 a 14 de maio de 2010, em uma turma de 4º Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos, em uma escola Estadual em Porto Alegre.

Meu interesse pelos estudos gerontológicos é uma inquietação recente e se deu, justamente, em razão dessa busca por uma temática de projeto, capaz de sustentar, ao menos, uma semana de trabalho docente, de forma a ser algo interessante e relevante para o grupo de alunos em questão, assim como cumprir com o requisito da disciplina de caráter teórico-prático do sexto semestre da graduação.

Ao observar a turma por alguns dias, acabei por encontrar pistas para o que fazer em seguida. Deparei-me, por acaso, com a questão do envelhecimento.

Professora: Acho que estou ficando velha... A profe tá meio caduca pessoal. [Ao confundir uma palavra escrita no quadro, a professora dirigindo-se à turma]  
 Alunos: [risos]  
 Aluno 1: A minha tá bem velhinha e esquece as coisas... uns oitenta.  
 Aluno 2: A minha tem 42 anos profe.  
 Alunos: [burburinhos]  
 Professora: Eu tenho 45.  
 Aluno 3: Minha vó tem 36.  
 Professora: Tá pessoal eu sei que a professora é velha. Eu sei que sou mais velha que a maioria das avós de vocês.  
 Aluno 1: Eu não acho professora. Minha mãe também tem 45 anos.  
 Alunos: [burburinhos]

Ao observar o diálogo da professora com a turma, interessei-me em abordar esse tema. É importante comentar que essa temática não vem contemplada no currículo obrigatório do curso de pedagogia, o que acabou por representar um grande desafio frente à falta de conhecimento e subsídios que pudessem contribuir nessa tarefa que empreendi.

Ao iniciar o trabalho, preocupei-me em pesquisar em bibliografias e, principalmente em sites da internet, para apropriar-me do que vinha sendo discutido sobre envelhecimento. Em seguida, passei a pensar em atividades que pudessem adequar as questões do envelhecimento as de linguagem, das artes, da matemática, da ciência, enfim, às exigências da escola em relação a minha prática.

Com dificuldade e medo de apoiar-me em aspectos pouco relevantes a respeito do tema, acabei desenvolvendo um planejamento muito mais apoiado em intuição do que em certezas.

Essa falta de conhecimento sobre o envelhecimento não significou, de minha parte, uma atuação docente menos responsável e comprometida. Pelo contrário, impulsionaram-me a seguir, buscando novos conhecimentos. Matriculei-me, no semestre seguinte, numa disciplina de caráter eletivo voltada especificamente à



educação e ao envelhecimento. E essas buscas nas quais incorri, resultaram (mas certamente não cessam), hoje, nesse trabalho.

## 1 OS ESTUDOS GERONTOLÓGICOS

### 1.1 História da Gerontologia

A preocupação com os direitos humanos, principalmente desde a criação da ONU (Organização das Nações Unidas), em 1945, e da divulgação da Declaração Universal de Direitos Humanos, em dezembro de 1948, acabou por instituir uma trajetória que incide diretamente nas políticas públicas no que se refere, atualmente, à atenção aos idosos.

A Gerontologia é uma ciência emergente, uma área do conhecimento, cuja essência é fundamentalmente multidisciplinar, que tem se expandido mundialmente. Diversas áreas do conhecimento, estudiosos e profissionais, preocupam-se com o envelhecimento nos seus mais diversos aspectos.

Desde 1903, registram-se poucos estudos dedicados à gerontologia, cujo nome se deve ao somatório das expressões *gero* (velhice) e *logia* (estudo). Percebe-se, nesses estudos, uma preocupação em relação ao envelhecimento (enquanto processo), e à velhice (fase da vida), assim como aos idosos (enquanto produto), com uma abordagem para além da fisiologia do envelhecimento.

Pesquisas desse tipo perderam a força nesse período quando, por volta de 1909, a preocupação com o cuidar da população idosa se intensificou e os estudos na área perceberam a necessidade de a medicina criar um campo específico para isso. Esse campo passou a ser chamado de geriatria e, segundo Netto (2006, p. 2), significava o estudo clínico da velhice que pretendia tratar os idosos doentes e a própria velhice. A Gerontologia permaneceu assim, com algumas exceções, restrita aos aspectos biológicos até a década de 1930, quando apareceram os primeiros indícios que voltam a tratá-la como uma ciência realmente multidisciplinar.

Neri (2007, p. 39) diz que, na década de 1970, o interesse pelo envelhecimento aparecia em esparsas teses e dissertações. Nesse sentido, o estudo acentuou-se, nitidamente, com o surgimento dessa área de estudo em cursos (em especial de pós-graduação) de diferentes áreas como a psicologia, educação, saúde pública, medicina, enfermagem, ciências sociais, dentre outras.

Percebemos, dessa maneira, o caráter multidisciplinar da Gerontologia enquanto uma série de conhecimentos que se desenvolvem dentro de áreas específicas e diferentes, mesmo que elas não dialoguem entre si. Mas que se pretende num ideal de interdisciplinaridade, ou seja, com atravessamentos entre esses conhecimentos diversos ou, de uma forma transdisciplinar, como pretendida

por Piaget (Japiassu apud Doll, 2006, p. 81), para dar conta dos avanços e desafios inerentes ao envelhecimento.

Segundo Netto (2006, p. 10), inexistiu um conceito para o envelhecimento que o defina através dessa multiplicidade que o compõe. Ausência que em nada diminuiu a necessidade de atentarmos ao tema sob esse entendimento inter e transdisciplinar.

Esses conhecimentos gerontológicos têm se expandido mundialmente até os dias atuais. Diversos estudiosos e profissionais de diferentes campos preocuparam-se com o envelhecimento e sobre os seus diversos aspectos. O estudo da velhice tornava-se cada vez mais atrativo e interessante e, ao mesmo tempo, começaram a difundir os primeiros estudos e projeções a apontar o envelhecimento populacional em muitos países do mundo.

No Brasil, com estímulos da Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização Mundial da Saúde (OMS), foi fundada em 1961, a Sociedade Brasileira de Geriatria. Que em 1968, com a inclusão de participantes não-médicos, passou a ser chamada de Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia.

A primeira assembleia da ONU que estabeleceu um Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento foi realizada em 1982, na cidade de Viena, na Áustria. Nessa ocasião estabeleceram-se metas que incluíam:

*(...) fortalecer a capacidade dos países para abordar de maneira efetiva o envelhecimento de sua população e atender às preocupações e necessidades especiais das pessoas de mais idade, e fomentar uma resposta internacional adequada aos problemas do envelhecimento com medidas para o estabelecimento da nova ordem econômica internacional e o aumento das atividades internacionais de cooperação técnica, em particular entre os próprios países em desenvolvimento. (ONU, 1984 trad. UFRGS)*

Em abril de 2002, vinte anos após terem se reunido, pela primeira vez, os países participantes da ONU, para tratar sobre o tema do envelhecimento, reuniram-se, em Madri, na Espanha, para uma nova assembleia a fim de elaborar um novo *Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento*. Esse novo Plano reconhece, em seu artigo 2º, “o aumento da expectativa de vida, em muitas regiões do mundo, como uma das maiores conquistas da humanidade.” Porém, admite que o mundo esteja passando por uma transformação demográfica que representa um desafio para a construção de uma “sociedade para todas as idades” (ONU, trad. SANTOS, 2002).

Essa ideia ambivalente de envelhecimento, reconhecida pela ONU, associa-o tanto ao avanço quanto ao desafio. Por vezes, entende-se também, para algumas organizações sociais atuais, como um inevitável problema. E para dar-se conta desses aspectos, prevê-se que ambas as valências devam ser compreendidas. Se, por um lado, entendemos a longevidade dos seres humanos indiscutivelmente como um avanço, por outro, faz-se necessário repensar o funcionamento de uma sociedade, para a qual se prevê que, no futuro, terá poucas crianças e jovens e muitas pessoas idosas.

Esses planos internacionais são resultados de diálogos entre nações, mas não representam normativas, não são coercivos. Pretendem sugerir ações e recomendar objetivos no contexto próprio a cada nação.

[...] apontando caminhos sem ditar a trilha, possibilita o debate local e a assunção de compromissos livres do desagrado da heteronomia, com matizes próprios da realidade de cada Estado, fortalecendo a criação de um ideário gerontológico. (SILVA, 2007, p. 40)

## **1.2 Aspectos demográficos**

No Brasil, os avanços na discussão e no estudo gerontológico estão diretamente ligados a dois fenômenos distintos, embora, muitas vezes, confundidos entre si: o envelhecimento populacional e o aumento na expectativa de vida ao nascer no país. Ambos representam um desafio à sociedade brasileira contemporânea, principalmente por estarmos, hoje, vivendo os impactos e desafios comuns à sociedade europeia há várias décadas com, o que apontam os especialistas e os índices demográficos, ritmo muito mais acelerado e menores recursos. De acordo com estudos desenvolvidos por Guimarães (2008, p. 51), o Brasil alcançou, em 2007, os coeficientes de fecundidade, natalidade e esperança de vida ao nascer que eram projetados para 2045.

O envelhecimento populacional difere-se do aumento na expectativa de vida por estar intimamente ligado ao declínio no coeficiente de fecundidade e natalidade. Enquanto o segundo registra-se enquanto expectativa de longevidade de uma pessoa nascida em um território delimitado.

Os indicadores sociais mundiais de 2010 demonstram que a esperança de vida, ao nascer no Brasil, é de 72,9 anos de idade. Índice que está, ainda, bem abaixo do que os indicados nesse mesmo ano para alguns países da Ásia, boa parte dos países da Europa e América do Sul, e para todos os países da América do Norte. Chegando próxima a dez, a diferença em anos para os maiores índices que,

em 2010, foram registrados no Japão e na Suíça, igual a 83,2 e 82,2 anos, respectivamente. (IBGE, Censos Demográficos).

A expectativa média de vida entre os brasileiros variou de cerca de 40 anos no início do século passado até 67,7 anos de idade na década de 1990. Tendo sido calculada, para esse período, uma diferença em média de mais de cinco anos na esperança de vida dos brasileiros a cada década. (IBGE, Censos Demográficos).

Os maiores ganhos de esperança de vida ocorreram na década de 1980, quando aumentou de 53,5 anos de idade em 1970 para 61,8 anos de idade em 1980, principalmente, devido aos adventos científico-tecnológicos. Dentre os quais, é possível destacar: o surgimento e o domínio de tecnologias no campo das ciências da saúde; o desenvolvimento de medicamentos, antibióticos, vacinas e tratamento médico; e, ainda, a possibilidade de prescrição de hábitos cotidianos que tem reflexo no envelhecimento. Segundo a Política Nacional de Saúde, Portaria n.º 1.395/GM, de 10 de dezembro de 1999, as regiões mais urbanizadas, como a Sudeste e o Sul, seriam as que poderiam oferecer, ainda, melhores possibilidades de emprego, disponibilidade de serviços públicos e oportunidades de melhor alimentação, moradia e assistência médica e social.

O Brasil vive, portanto, uma inegável e acelerada transição demográfica devido aos fatores de aumento na expectativa de vida ao nascer aliados à queda na taxa de crescimento populacional anual. À semelhança de outros países latino-americanos, trata-se de um fenômeno predominantemente urbano resultado, sobretudo, do intenso movimento migratório iniciado na década de 1960. Desde essa década, percebe-se na comparação entre resultados censitários do IBGE que a taxa média de crescimento da população vem mostrando um regular declínio. Nesse período, em 1960, os índices mostravam um crescimento de 2,89%. Em 1970, caiu para 2,48% e seguiu em declínio, apresentando taxas de crescimento de 1,93%, em 1980 e 1,38%, na década de 1990. Teve, em média, entre os anos de 2005 e 2010, crescimento de 1,17%.

Projeções populacionais descritas na publicação de maio do corrente ano, do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) apontam para 0,7% o crescimento populacional anual entre 2010 e 2020. Prevê, ainda, que a partir de 2030, esses índices sejam valores negativos. Dessa maneira, a apresentação desses fatores demográficos associados nos mostra que o Brasil deixa de ser um país de jovens e se insere em um processo de envelhecimento populacional.

Segundo dados censitários de 2010, cerca de 10,79% da população brasileira tem 60 anos ou mais, números que no mesmo ano, no Rio Grande do Sul, apontam para 13,65% da população do estado. Índices que estão, segundo especialistas, num crescente acelerado que fez com que o RS estivesse, junto ao Rio de Janeiro e Paraíba, como os estados com as maiores proporções de população idosa. Além disso, a redução, primeiramente da mortalidade infantil, atingiu aos poucos as demais idades. Segundo Camarano (2006), as taxas da população de 80 anos ou mais é a que tem apresentado maior índice de crescimento.

Torna-se cada vez mais fundamental e imperiosa a discussão do tema: envelhecer. Frente à velocidade da mudança demográfica, a produção de conhecimentos gerontológicos, no Brasil, ainda ocorre de maneira bastante lenta e a formação tanto de profissionais quanto de seres humanos parece não estar dando conta dessa transformação social, na qual se encontra.

Diante da gerontologia como área multidisciplinar, entendo que a formação profissional signifique tanto àquela que responda ao “cuidar gerontológico” - atender aos idosos - quanto a que atente às pesquisas e ao conhecimento científico, ou seja, sobre o envelhecimento e os idosos. E a formação de seres humanos como àquela responsável para que tenhamos como nos diz Ceneviva (2004), “Uma sociedade boa para os idosos” que significa “uma sociedade boa para todas as idades”.

### **1.3 Desdobramentos do envelhecer e outros conceitos**

Na contemporaneidade, os discursos, por vezes antagônicos, recorrentes sobre esses dois sujeitos - o novo e o velho pressupõem ideias semelhantes quanto ao entendimento de ambos os sujeitos como frutos de um construto social, ou seja, sujeitos “inventados”, que são reais na contemporaneidade.

A infância, carente de cuidados, proteção, diferente de um “adulto em miniatura”, é, segundo Ariès (1891), algo que não existia antes do final do século XVI e início do século XVII. Embora sempre tenhamos nascido bebê e crescido, tornado-nos criança, jovem e adulto, essas divisões não eram marcadas e percebidas na sociedade. Como essas divisões surgiram, surgiu também o sujeito envelhecido, o velho, e mais recentemente a denominação ou classificação: idoso.

O amparo ao idoso figura na legislação brasileira desde a Constituição Federal de 1988, que estabelece a responsabilidade da família, do Estado e da sociedade na asseguarção dos direitos fundamentais. Mas é, principalmente, com a Política Nacional do Idoso instituída através da Lei 8842/94, regulamentada pelo

Decreto nº 1948/96, que os direitos dos idosos são ampliados e passou-se a estabelecer o entendimento de que o envelhecimento trata-se de um fenômeno que diz respeito à sociedade em geral e que, por isso, deve ser objeto de conhecimento e informação de todos. Essa lei representa um marco para a população idosa do país e para a sociedade em geral, de forma especial àqueles que entendem a gerontologia como área a ser amplamente discutida e estabelecida no Brasil.

O envelhecimento apresenta-se como fenômeno comum a todos os seres humanos, mas que, diferente de outras fases da vida, não é demarcado fixamente através de algum aspecto biofisiológico. O corpo envelhece por um processo que envolve fatores internos, intrínsecos à vida, como por exemplo, a renovação celular, e os fatores externos que variam desde a alimentação, fumo e álcool, até a exposição à radiação solar e à poluição, ou ainda, aos acontecimentos específicos na vida de cada sujeito.

A legislação brasileira estima uma idade fixa para entender o sujeito como idoso. Porém, se refere ora a sujeitos com mais de 60 anos (Lei 8.842/94), ora com 60 ou mais (Lei 10.741/03). Para a gratuidade nos transportes públicos, considera-se idoso a pessoa com idade superior ou igual a 65 anos (CF/88) e ainda, diferencia pessoas por gênero na política de assistência e aposentadoria. Vale ressaltar que muitos estudiosos compreendem que a velhice é demarcada, muito mais por fatores socioeconômicos, políticos e legais, do que biológicos.

Segundo Rabello e Passos (acessado em 2011), a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial apresentada por Erik Erikson, nascido na Alemanha em 1902, baseada em Freud e Anna Freud, foca-se em conflitos do ego e identidade. Pressupõe uma relação muito maior com as relações sociais do que com a sexualidade. Divide a vida em estágios psicossociais e, em cada estágio, representa uma crise entre dois conceitos antagônicos, em uma fase da vida, desde os primeiros anos. Nesse sentido, pode haver um desfecho positivo ou negativo que implica necessariamente na superação da crise seguinte. Estudos posteriores admitem a flexibilização ainda maior dessa teoria de acordo com os acontecimentos de vida e as singularidades dos sujeitos.

Além disso, essa teoria amplia-se para além da infância, observando o sujeito ao longo do ciclo de vida. Os primeiros estágios descritos nessa teoria tratam, basicamente, do desenvolvimento infantil e adolescência da personalidade, sendo

eles: Confiança básica X Desconfiança básica; Autonomia X Vergonha e Dúvida; Iniciativa X Culpa; Diligência X Inferioridade e Identidade X Confusão de Identidade.

A fase seguinte, chamada por Erikson de Intimidade X Isolamento, trata do sujeito adulto e da convivência e relacionamento íntimo com o outro. Os momentos de isolamento são entendidos por ele como algo, por vezes, necessário ao crescimento psicológico pessoal. Porém, quando esse isolamento aparece como característica contínua e duradoura é, sem dúvida, negativo ao desenvolvimento.

A Generatividade X Estagnação, por sua vez, supõe a preocupação do sujeito na geração de coisas, desde filhos, produtos, projetos, ideias, negócios, pesquisas, enfim, qualquer questão que o faça sentir produtor e mantenedor de algo e opõe-se ao sentimento de estagnação. Essa etapa amplia-se, cada vez mais, na possibilidade de se viver sob muitos aspectos diferentes as principais aquisições dela.

A etapa que indica Integridade X Desespero trata da velhice e demonstra o ser humano reflexivo em relação à sua vida, à percepção de sua experiência e finitude. O que pode gerar nostalgia e tristeza no que se refere ao passado ou pode representar uma etapa de possibilidades e novas projeções.

Diante do exposto, entendo que, mesmo com a possível flexibilização dessa teoria, ela indica que o processo de desenvolvimento humano, assim como o envelhecimento em si, gera questões fundamentais à vida, mas pode também, gerar questões perturbadoras. A personalidade e as maneiras de viver o processo de envelhecer dependem fundamentalmente das relações sociais que se estabelecem e dos conhecimentos que perpassam nelas.

Na sociedade brasileira contemporânea a “concepção de velhice não está isenta de mitos, preconceitos e falsos estereótipos” (Netto, 2006, p. 9). Há certa tendência nos discursos do senso comum de homogeneizar a população idosa, não apenas no que é biofisiológico, mas também aos modos de ser, as atitudes, o vocabulário, o vestuário, o comportamento e a linguagem. A velhice carregaria, nesse caso, atributos para além do corpo que pairam também sobre a personalidade, o papel social, as capacidades individuais, sugerindo um envelhecimento extracorpóreo e homogêneo.

Há, no entanto, uma noção de homogenia da identidade dos sujeitos “velhos” que inclui a negativa da existência da possibilidade, ou seja, a desconsideração da novidade com o envelhecimento. A crença de que tudo o que é vivido ao



envelhecemos não passa de mera reprodução do que foi vivido. Desse modo, reviver o passado, de certo modo, tratar-se-ia sempre de saudosismo a outros tempos, em especial ao tempo da juventude.

Concepções como essas, carregadas de mitos e preconceitos, acabam se tornando, pelo senso comum, em falsas verdades. Nessa posição, dificilmente são questionadas no cotidiano. Pelo contrário, tendem a ser repetidas entre as pessoas e em diversos espaços, dentre os quais estará, certamente, o espaço escolar.

É muito difícil sabermos, de fato, quais são os mitos e quais são as verdades em relação ao envelhecimento. O culto à eterna juventude, às padronizações estéticas, à “utilidade” dos sujeitos e, ainda, a consciência da finitude tendem a acentuar o entendimento do envelhecer como algo que deixa de ser natural para se tornar em algo intolerável.

O primeiro mito que desconstruo aqui é do envelhecimento enquanto patologia do ser humano. Na velhice, como em qualquer outra idade, existem pessoas sãs e pessoas doentes. De fato, existem mudanças nas funções e estrutura do corpo durante o envelhecimento, que implicam em readaptações ao ambiente e existem perdas que podem significar maior vulnerabilidade. Mas, não podemos associar diretamente a doença ao envelhecimento, visto que o passar dos anos processa no organismo mudanças naturais que constituem a velhice sã e normal.

Conforme Netto (2004, p. 79), pode-se constatar que “algumas das principais funções fisiológicas do corpo humano [...] atingiram o ápice durante a fase adulta e diminuem gradativamente e naturalmente as suas funções”, tendo em vista o envelhecimento de órgãos e tecidos. Pode ser que as alterações anatômicas sejam as primeiras e mais visíveis. As mãos, por exemplo, podem estar mais enrugadas, a pele mais ressecada, os cabelos embranquecidos, o tônus muscular enfraquecido, a constituição óssea modificada e as articulações endurecidas. Mas, cabe-nos refletir sobre o que, de fato, isso implica. Talvez ocorram mudanças na postura do tronco, das pernas e alterações no equilíbrio e na marcha, mas não prescreve impossibilidades a esse sujeito.

Ecléa Bosi (2003), afirma que, com o envelhecimento “você pode esquecer que guardou uma meia na gaveta, mas lembrar-se-á de cidades, de revoluções, de gestos memoráveis”. Indica, ainda, que as alterações estruturais na constituição do sistema nervoso em relação à memória podem representar adaptações e arranjos necessários à rotina de alguns idosos. O que não quer dizer que deve ocorrer com

todos ou da mesma maneira, mas pressupõe que pode ser encarada, com qualquer demais mudança, de uma maneira que não carregue consigo pessimismo e preconceito.

É importante salientar que o envelhecimento ocorre devido a influências multifatoriais e que, embora possa parecer desagradável à primeira vista, não pode ser avaliado de forma preconceituosa e pessimista. De fato, é real e natural que todo ser vivo envelheça. Tanto no que tange à sua constituição biofisiológica, como em aspectos psicossociais. Porém, isso se dá de maneira singular a cada sujeito, a partir de suas experiências e trajetórias. Mesmo que alguns fatores sejam comuns, cada pessoa vive o envelhecimento de uma maneira que é única para si.

## 2 EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO

### 2.1 Gerontologia educacional

As ações educativas voltadas aos idosos têm diversificado e crescido muito. Diferentes projetos e espaços voltam seu trabalho ao público idoso. Os idosos têm demonstrado uma maior inserção em grupos de convivência, no contexto da EJA, em cursos de formação, universidades para a terceira idade, em centros de assistência, fóruns e conferências.

No contexto da EJA, preocupa-me o fato de a escola, ainda centralizar suas atenções às crianças e jovens, ignorando os diferentes sujeitos que nela buscam formação e não agindo com comprometimento e competência, ou valorizando as singularidades, que são vistas, hoje, como fundamentais à formação humana.

Nos trabalhos com grupo de idosos, percebe-se que nem sempre há uma intencionalidade educativa. Por vezes, o que vemos é apenas ocupação de um tempo livre. Salgado (2007, p. 71), nos remete à necessidade de o trabalho com idosos “ter competência e condições suficientes de se diferenciar de um simples entretenimento por uma ação propositiva de educação social”. As práticas de lazer contemplam significativos benefícios e experiências, mas devem estar objetivadas com seriedade e comprometimento por parte de quem as propõe. Não podem ser somente fruto de acaso e de abertura de espaços para colocar junto pessoas idosas.

Uma afirmação de Augustín Requejo Osório indica um desafio próprio da educação, mais precisamente da pedagogia, e diz que nós, profissionais da educação, esquecemo-nos de “construir uma pedagogia gerontológica”, pois teríamos esquecido, na pedagogia, dos idosos. Essa afirmação leva-nos a perceber a escassez de reflexões aprofundadas e de teorias educacionais consistentes a respeito de atividades educacionais para e sobre pessoas idosas. Nesse sentido, a formação deficiente de professores na temática, pode ser um indicativo da natureza do problema anteriormente citado e de alguns outros. (DOLL, 2008, p. 16-23).

Falar sobre educação e envelhecimento associadamente não é falar apenas das práticas de ensino aos idosos. Compreende, também, falar sobre os idosos e o processo de envelhecimento. Tratar-se-ia de uma gerontologia educacional, definida por Peterson (1976, tradução DOLL, 2008, p. 15), como “o estudo e a prática de ações educacionais para ou sobre velhice e indivíduos idosos”. Portanto, a gerontologia educacional compreenderia tanto o trabalho educativo com pessoas idosas, como também sobre o envelhecimento e os idosos e, ainda, o trabalho no

campo das pesquisas e reflexões científicas. Por essa razão, o estudo sobre o tema poderia ser contemplado em diferentes níveis de ensino, mesmo que inexistam sujeitos idosos nas salas de aula referidas, pois o entendimento a cerca da sociedade e do processo de envelhecer é relativo a todas as pessoas, incluídas as crianças e os jovens.

Percebe-se que, mesmo com a crescente demanda por serviços qualificados para atender aos idosos, com as transformações sociais e as reais necessidades da sociedade contemporânea de atentar-se ao tema, ainda é novidade atender com qualificação aos idosos e tratar sobre o envelhecimento. Isso é comum às escolas, às universidades e à formação técnica profissional.

## **2.2 Dimensão socioeducativa entre diferentes gerações**

De acordo com Bueno (2004, p. 386), geração significa ato de gerar; descendência, linhagem, filiação. Nesse trabalho, será entendida como uma série de pessoas que compartilham vivências comuns e acontecimentos históricos num mesmo momento etário, ou seja, é uma palavra importante quando tratamos de envelhecimento.

As transformações da sociedade brasileira e o envelhecimento populacional mundial e brasileiro demonstram, cada vez mais, a coexistência e convivência de diferentes gerações. O conceito de relações intergeracionais pressupõe não apenas a coexistência de sujeitos de diferentes idades, mas, fundamentalmente, a convivência entre eles. Além de pretender que essa relação se dê em harmonia com respeito mútuo, sem inferiorização, valorização ou aversão de uma sobre a outra.

Para Oliveira (2008, p. 67), relação intergeracional é aquela em que “gerações distintas se vejam como iguais nos direitos e deveres e diferentes no modo de ser e agir”. E que, para tanto, precisam conhecer e reconhecer os direitos fundamentais comuns a todos os cidadãos e as peculiaridades asseguradas a cada geração.

A proposta de desenvolvimento de atividades intergeracionais tem o objetivo de minimizar a exclusão social do idoso e sua integração na sociedade através do diálogo entre as gerações. Vale colocar que os significativos avanços em legislações garantindo os direitos das pessoas idosas, ainda distanciam-se do respeito aos direitos assegurados em lei.

As atividades educativas que buscam evidenciar conceitos como a intergeracionalidade se tornam relevantes na medida em que há essa relativa

certeza de que todos irão envelhecer um dia. Tratar sobre envelhecimento e intergeracionalidade possibilita minimizar os preconceitos e o isolamento do idoso, e proporcionar maior qualidade de vida para os que virão a ser idosos.

As gerações não são uniformes, o que implica reconhecer que os conflitos ocorrem também entre “pares geracionais” e não apenas entre gerações distintas. Nesse caso, não unilateralmente tendo uma ou outra geração na condição de vítima.

Os conflitos entre diferentes gerações não precisam ser entendidos, necessariamente, como negativos, visto que “dos embates podem surgir novos horizontes”, por onde a cultura poderia ser transmitida e, ao mesmo tempo, renovada. Neles, se centraliza a discussão entre valores e práticas que merecem ou não ser preservados. (OLIVEIRA, 2008, p. 63).

No entanto, podem representar um grave problema quando percebemos que dados conferem aos idosos os índices proporcionalmente mais crescentes em denúncias de violências, negligências, maus tratos e desrespeito aos direitos fundamentais, tendo esse sujeito enquanto vítima.

Por isso, a importância de reconhecer que, para aceitação das diferenças e promoção do respeito mútuo,

Não se pode deixar de considerar a importância da relação com outras gerações, cujo resultado é benéfico para todos os grupos de idade, não pelo confronto nos modos de vida diferentes, mas como uma possibilidade de conhecimento recíproco de maneiras diferentes de pensar e agir. (SALGADO, 2007, p. 75).

### 3 CURRÍCULO E ENVELHECIMENTO

#### 3.1 Concepções curriculares em instituições formais de ensino

Aprendiz e currículo sempre estiveram relacionados, independentemente da época ou lugar, mesmo que assim não o nomeássemos. Quando falamos em currículo, pensamos em conhecimento e imaginamos uma rede de estruturas organizadas, de conceitos e relações. Para Silva (2007, p. 15), o currículo “[...] é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo”.

Com as teorias críticas, passamos a entender o currículo como uma construção social resultante de um processo histórico, onde se distribuem hierarquicamente disciplinas e/ou conhecimentos. Sendo nítida, portanto, a relação de poder que se estabelece ao constituí-lo.

Se, por um lado, selecionamos e constituímos um currículo, por outro somos constituídos por ele. Nesse caso, o currículo seria a representação de uma prática de ensino, na qual o conhecimento possibilitaria crescimento pessoal e libertação. Onde o sujeito seria alguém atuante que perceberia o mundo e a sociedade com a possibilidade de serem lidos e transformados.

Teorias pós-críticas atuam sobre essa noção de currículo, ora ampliando-a, ora modificando-a e, por vezes, ainda, opondo-se a ela. Em ambas, segue a análise do currículo através das relações de poder que o estabelecem. Admitem que o conhecimento não se opõe ao poder, não o coloca em xeque, mas é inerente a ele. Tanto as teorias críticas quanto pós-críticas “[...] nos ensinaram, de diferentes formas, que o currículo é uma questão de saber, identidade e poder.”. (SILVA, 2007, p. 147)

Sempre que tratamos de conhecimentos e métodos, tratamos de currículo que, por sua vez, é antecipado por um ou uma série de objetivos. Dessa forma, é indiscutível o seu papel formativo. Por essa razão, me incomoda a primazia ainda verificada pelo currículo clássico presente nos anos iniciais, que pouco se voltam para os atuais anseios dos sujeitos e da sociedade em geral.

De certo modo, podemos afirmar que o currículo consiste na intenção em busca de resultado e pode objetivar desde a apropriação de um conceito até uma atitude esperada. O que se objetiva com ele, de certa maneira, diz respeito à constituição de um sujeito desejável. Sendo assim, tanto a partir das teorias críticas

quanto pós-críticas, não podemos mais ver o currículo como algo inocente, desinteressado.

O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (SILVA, 2007, p. 150)

### **3.2 Fundamentos Legais e Diretrizes Básicas**

De forma surpreendente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) tem forte embasamento pedagógico e descentraliza a educação, prevendo que a escola seja um, dentre muitos lugares, onde a ação de educar pode acontecer.

Vale comentar que, mesmo partindo do entendimento que a educação é descentralizada e não está restrita somente à escola, é possível atribuir a esse espaço o pressuposto de representar a principal instituição de educação formal. Diante disso, foi proposta à escola uma adequação curricular subsidiada pela criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1997, revisados em 2000. Nesses Parâmetros, mais especificamente nos PCN da área de Ciências, dos Anos Iniciais, e dos Temas Transversais, da Saúde, é possível observar a presença, mesmo que de forma pontual, de estudos sobre o envelhecimento.

Sobre esses temas transversais é possível destacar a intenção de que fossem debatidos no interior das disciplinas ou de forma, interdisciplinar, buscando garantir que eles não fossem responsabilidade de apenas uma ou outra área do conhecimento, nem que constituíssem novas áreas.

Embora não tenha verificado a real aplicabilidade dos Parâmetros Curriculares Nacionais e reconheça que, talvez, sua formulação não tenha sido realizada em coautoria com representantes de diferentes áreas e instituições de educação, principalmente as de ensino superior, entendendo-os como um dos referenciais oficiais para a educação no ensino fundamental em todo o Brasil e, dessa maneira, não os ignoro.

Ainda destaco que, mesmo sendo um documento visto por alguns como falho e constituído, talvez, sobre simplistas bases, ele descreve um currículo possível e refere-se aos anos iniciais com a seguinte assertiva:

É importante que o trabalho sobre o crescimento e o desenvolvimento humanos leve em conta as transformações do corpo e do comportamento nas diferentes fases da vida — nascimento, infância, juventude, idade

adulta e velhice —, evidenciando-se e inter cruzando-se os fatores biológicos, culturais e sociais que marcam tais fases. [...] na infância inicia-se a tomada de consciência acerca do esquema geral do corpo. A criança deve ser incentivada a perceber seu corpo, limites e capacidades, externar as sensações de desconforto e prazer, ampliando sua capacidade de se expressar sobre o que sente, percebe e deseja. Acerca da juventude os alunos verificam a crescente independência e as acentuadas mudanças no corpo [...] com novas responsabilidades e dificuldades a serem resolvidas. [...] Sobre a vida adulta os alunos podem reconhecer a autonomia e a ampliação das responsabilidades relativas ao trabalho, à família, à comunidade e a si próprio [...] Muito importante é a investigação sobre a velhice, fase da vida geralmente apresentada como sinônimo de aposentadoria: sem trabalho, sem sonhos, sem necessidades pessoais, só doenças. É preciso reverter esse quadro de valores, incentivando as crianças desde cedo a valorizarem a experiência dos idosos, cuja importância para a família e a comunidade cresce à medida que se reconhece no idoso uma pessoa que tem projetos a realizar e necessidades que não podem ser esquecidas. (BRASIL, 1997, p. 39- 52)

É preciso enfatizar, ainda, que é papel da escola subsidiar os alunos com conhecimentos que os tornem aptos a “realizar escolhas” em suas vidas. Eles precisam perceber “a possibilidade de realizar escolhas [...] e de mudar hábitos e comportamentos que favoreçam a saúde pessoal e coletiva e o desenvolvimento individual”. (BRASIL, 1997, p. 39)

Alguns movimentos do Estado parecem evidenciar a importância da discussão sobre a inclusão da temática do envelhecimento no currículo escolar. De forma estranha, talvez tenha o olhar pedagógico sobre a temática se dado antes por parte do legislativo brasileiro e depois pelos profissionais atuantes nas escolas e demais instituições formais de ensino.

Os idosos estão presentes em nossas salas de aula, o que exige uma adequação curricular, mas não representa a única razão pela qual entendo essa mudança curricular como algo importante. Independem dessa presença, o processo do envelhecimento inerente à vida humana e as relações intergeracionais que configuram um novo movimento social, e tornam de grande valia falar sobre o envelhecimento aos educandos de diferentes níveis escolares, bem como ouvir o que eles têm a dizer sobre o tema. A educação partida dos saberes do educando se torna mais democrática e eficaz.

A inserção do estudo sobre o envelhecimento nos currículos mínimos, dos diversos níveis do ensino formal brasileiro é assegurada pela Política Nacional do Idoso, instaurada sob a lei nº 8.842, de quatro de janeiro de 1994. Essa lei trata dos princípios e diretrizes sobre os quais rege-se a política. Dentre eles, destaco o inciso II, do Artigo 3º, “o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em



geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos”. Dentre os princípios descritos nessa lei, ainda aparece a responsabilidade da família, da sociedade e do Estado assegurar o respeito aos direitos fundamentais dos idosos, não podendo o idoso sofrer discriminação de qualquer natureza. O artigo 4º dispõe sobre as diretrizes da política nacional do idoso, dentre as quais destaco os incisos I, V, VII e IX que tratam das seguintes ações: viabilização da intergeracionalidade; capacitação de profissionais nas áreas de geriatria e gerontologia e outras prestações de serviço; estabelecimento de mecanismos que favoreçam a obtenção de informações sobre os diferentes aspectos do envelhecimento e, ainda, o apoio aos estudos e pesquisas sobre as questões relativas ao tema.

As principais normativas que dispõem sobre a implementação, na área da educação, da Política Nacional do Idoso está descrita no artigo 10, inciso III, alíneas “a”, “b”, “c”, “d”, “e” e “f” dessa Lei.

- a) adequar currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados ao idoso;
- b) inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto;**
- c) incluir a Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores;
- d) desenvolver programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento;
- e) desenvolver programas que adotem modalidades de ensino à distância, adequados às condições do idoso;
- f) apoiar a criação de universidade aberta para a terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber. (Lei Nº 8.842/94, grifos meus)

O Decreto Nº 1.948, de 3 de julho de 1996, que regulamenta a Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842/94), em seu artigo 10, admite como competência do Ministério da Educação e do Desporto, em articulação com órgãos federais, estaduais e municipais de educação, dentre outras coisas: o incentivo da inclusão de conteúdos sobre o processo de envelhecimento nos programas educacionais; o apoio à admissão do idoso em universidades, bem como a promoção da integração intergeracional e a inclusão de disciplinas de Gerontologia e Geriatria nos currículos dos cursos superiores.

Outra Lei que representa um marco para os idosos é a Lei nº 10.741, de primeiro de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso. Essa lei prevê a garantia dos direitos fundamentais aos idosos e dispõe sobre os serviços prestados

a eles. Além disso, torna obrigatório ao Poder Público a adequação de currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais de acesso ao idoso.

Prevê, ainda, que:

Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria. (Lei nº 10.741 - de 1º de outubro de 2003)

A inclusão de assuntos relacionados ao envelhecimento e aos idosos representa um desafio à educação atual, sobre a qual muito têm falado os legisladores e políticos brasileiros. No entanto, ainda é novidade para muitos profissionais da educação. Isso demonstra a imperiosa necessidade de adequarmos o currículo que forma esses profissionais, a fim de tornar possíveis as reformas curriculares nos diferentes níveis de escolarização brasileira.

## **4 PLANEJAMENTO DIDÁTICO PEDAGÓGICO**

### **4.1 Contextualização da Prática Pedagógica**

O planejamento para a prática pedagógica foi construído a partir de observações feitas em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental de Nove Anos, em uma escola estadual, no bairro Santa Tereza, em Porto Alegre, no período de dez a 14 de maio de 2010.

A escola foi inaugurada em 1969 e desde lá ocupa uma área cedida em regime de comodato dentro de um espaço do exército militar. Atende, nos turnos da manhã e tarde, as turmas de educação infantil e do 1º ao 5º ano do ensino fundamental de nove anos.

O Projeto Político Pedagógico da instituição esboçava, na época, que as teorias tradicionais eram assumidas pelo corpo docente, constituído exclusivamente por professoras, como “método majoritário” presente nas salas de aula. Poucas foram as professoras que identificavam suas práticas a partir de outras teorias, tendo sido citadas por essas as interacionistas ou as crítico-sociais.

O objetivo explicitado nesse documento referia-se à ampliação das relações da escola com a comunidade. Isso, talvez, teria ocorrido devido ao fato de não haver alunos provenientes dos arredores imediatos da escola. Eles eram, em sua maioria, provenientes de comunidades localizadas em regiões mais afastadas do morro Santa Tereza. Percebi, também, a preocupação pela falta de interesse e participação das famílias nas atividades escolares presente em outros documentos da escola.

As “faltas” eram constantemente mencionadas nos documentos oficiais desse estabelecimento de ensino. Envolviam desde a formação continuada, gratuita e de qualidade para professores, aos serviços de orientação pedagógica, supervisão e SOE.

A instituição dispunha de poucas salas de aula, porém amplas, arejadas e bem iluminadas. Um laboratório de informática, recentemente montado, onde também funcionava, provisoriamente, a secretaria da escola. Um pavilhão inteiro passou por reformas, por isso essa instituição precisou fazer alguns arranjos para seguir o atendimento educacional. Algumas turmas tiveram de dividir salas, a merenda escolar passou a ser servida em uma mesa montada fora do refeitório, onde uma das turmas estava sendo atendida.

A escola entende como prioridade, nos primeiros anos de Ensino Fundamental, que os alunos desenvolvam o domínio da escrita, da leitura e do cálculo (Português e Matemática). E que tenham contato com outras áreas do conhecimento, como Ciências, História, Geografia, Arte e Educação Física.

A turma do 4º ano do turno da manhã, para a qual se dirigiu esse planejamento, era composta por 12 alunos frequentes, sendo seis meninos e seis meninas, com idades entre nove e 12 anos. Um dos alunos, o mais velho, identificado pela professora como “o repetente”, era um aluno cuja baixa frequência escolar já havia sido comunicada ao Conselho Tutelar da região e identificava que em breve trataria de uma possível evasão escolar.

A organização das classes, nessa turma, era em filas e colunas separadas uma a uma, havendo uma nítida separação também entre os meninos e as meninas. Não havia, por parte da professora, menção de qualquer intervenção quanto aos lugares que deveriam ocupar os alunos. Eles se organizaram dessa maneira desde os primeiros dias letivos do ano de 2010.

Segundo a professora, não haviam sido propostas atividades que mudassem essa disposição das classes, nem trabalhos que envolveriam a cooperação e coletividade. Para tais afirmações, não me foram dadas justificativas na época. A professora explicou que era a maneira pela qual costumava trabalhar.

O que se observou, durante o período de estada na turma, foi que o trabalho tinha sido dividido em conteúdos de áreas específicas. Como se nota na grade de horário abaixo:

<b>Segunda-feira</b>	<b>Terça-feira</b>	<b>Quarta-feira</b>	<b>Quinta-feira</b>	<b>Sexta-feira</b>
Português	Ciências	Est. Sociais	Português	Ciências
Matemática	Ed. Física	Português	Matemática	Est. Sociais
	Português	Matemática		

Como é possível observar, a disciplina chamada de Português era entendida como a mais importante e, por isso, assumia a maioria dos tempos de trabalho. Vinha seguida pela Matemática e, depois, com menor tempo, as disciplinas de Ciências e Estudos Sociais. Em cada uma dessas havia um conteúdo diferente sendo trabalhado de forma isolada e um caderno diferente destinado à realização e cópia das atividades.

Durante a observação, estive atenta a tudo aquilo que circulava na sala de aula, ou seja, alunos, professora, atividades, conversas, assuntos paralelos, interesses e afinidades. Ao ativar um olhar observador, momentos que passaram rapidamente poderiam gerar algo de grande valia.

Professora: Acho que estou ficando velha... A profe. tá meio caduca pessoal. [Ao confundir uma palavra escrita no quadro, a professora dirigindo-se à turma]  
 Alunos: [risos]  
 Aluno 1: A minha tá bem velhinha e esquece as coisas... uns oitenta.  
 Aluno 2: A minha tem 42 anos profe.  
 Alunos: [burburinhos]  
 Professora: Eu tenho 45.  
 Aluno 3: Minha vó tem 36.  
 Professora: Tá pessoal eu sei que a professora é velha. Eu sei que sou mais velha que a maioria das avós de vocês.  
 Aluno 1: Eu não acho professora. Minha mãe também tem 45 anos.  
 Alunos: [burburinhos]

Diante do diálogo da professora com a turma, interessei-me por abordar esse tema e acabei escolhendo a temática para aquela semana de trabalho.

#### **4.2 Objetivos**

Os Anos Iniciais do Ensino Fundamental devem assegurar condições que favoreçam aos alunos a possibilidade de serem agentes em seu processo de construção de conhecimento, oferecendo oportunidades para a manifestação da autonomia, e que também possam contar com uma intervenção consistente, sólida e coerente que os auxiliem a “tirarem” o melhor proveito das experiências.

Respeitar as singularidades dos alunos, valorizando seus sentimentos, interesses, conhecimentos e ideias, assim como buscar promover atividades desafiadoras, significativas e prazerosas que estimulem o desenvolvimento das mais diversas competências intelectuais.

Flexibilizar a rotina e, conforme os interesses do grupo, organizar um planejamento integrado e flexível, valorizando as contribuições das crianças. Promover a socialização e a cooperação entre os alunos, e incentivar ações solidárias em sala de aula. Respeitar e oportunizar tempos significativos, nos quais podem ser permitidas e incentivadas atividades como brincadeiras, jogos, dramatizações, ora com intervenção, ora livres.

Permitir ao aluno enfrentamento de situações-problema, que fomentem o pensamento crítico e reflexivo, sendo necessário lançar mão da autonomia, destreza, raciocínio, estratégia e as opiniões devam ser respeitadas.

Buscar fazer com que as crianças percebam-se como agentes transformadores do meio em que vivem, questionando as relações que constituem a

sua realidade, sem deixar de apontar a possibilidade de alternativas de mudança e intervenção transformadoras, sendo cooperativas, solidárias e éticas.

### **4.3 A construção dos Planos Diários**

A proposta pedagógica deveria problematizar a realidade e conhecer os sujeitos nela envolvidos e adequar os caminhos a percorrer durante o amplo processo de aprender, em nada diminuído, nesse caso, apesar da brevidade prática de uma semana. Entendo que isso poderia significar uma nova forma de olhar o mundo, a sociedade, os sujeitos idosos e a própria vida. Tratar-se-ia de uma aprendizagem que não cessaria com a chegada da sexta-feira e nem no espaço da escola.

É papel das instituições específicas de ensino atentar aos temas atuais e relevantes à vida humana e às demandas sociais e dos sujeitos que dela participam.

Pela intenção educativa é que as atividades devem transcender aos resultados imediatos, buscando além da formação cultural, a construção e o aprimoramento de valores capazes de melhor conduzir o curso da vida, na perspectiva de desenvolvimento integral. (SALGADO, 2007, p. 75)

Decidida pela temática, absorta pela ideia de que seria interessante e relevante essa abordagem e certa de que seria, ao mesmo tempo, um desafio, parti para a elaboração dos objetivos e das atividades que podem ser lidas na íntegra nos Planos Diários, os quais encontram-se no apêndice desse trabalho.

Aspirava a algumas coisas: o trabalho coletivo e o movimento, tanto nos corpos, nas relações, quanto nas minhas condutas. Existia uma necessidade pessoal de minha parte em mudar certas coisas e, ao mesmo tempo, a responsabilidade de entender a brevidade do meu período de estada na turma. E isso implicaria em não romper totalmente com as práticas da escola, de forma a não tornar dificultosa a minha inserção na turma, nem minha despedida dela.

Comecei elencando uma literatura infantil que pudesse me auxiliar a introduzir o tema, bem como uma atividade ou mais atividades que auxiliassem na motivação prévia pela leitura. Sendo assim, debruicei-me em muitos títulos que traziam idosos como personagens centrais da história. Encontrei livros que falavam de avós e outros velhos, muitos dele sobre a morte. O que, em minha opinião, era um problema. Pensava em permitir que o assunto “morte” surgisse durante a prática, mas não queria que fosse ligado diretamente à velhice como ocorre, às vezes, na literatura. Lembrei-me, então, da história Guilherme Augusto Araújo Fernandes, ou seja, uma obra que relaciona a criança a alguns velhos, os quais não eram seus

avós. Além disso, retrata a velhice em condição asilar, de pijamas e pantufas. Essa escolha era um indício, se não uma certeza, de que traria inúmeras possibilidades de inferências sobre o envelhecer.

Esse livro, escrito em 1984 por Mem Fox, autora australiana, traz como principais temas: a memória, a relação intergeracional e o envelhecimento. Conta a história sobre a amizade entre um menino e uma senhora de 96 anos. Essa senhora vivia em um asilo localizado ao lado da casa do menino e havia perdido a memória. O que é uma memória? Esse é o questionamento que o menino faz a todos os personagens da história, ou seja, seus pais e os velhos do asilo. E essa pergunta, que parece bem complicada sob o olhar de criança do menino, dá à história um desfecho simples, belo e inusitado.

Comecei a semana com a minha apresentação, que envolveu o meu nome, o que fazia na época, o porquê de eu estar ali, por quanto tempo, meus objetivos e expectativas com essa estada. Sempre entendi que, durante períodos como esse de práticas pedagógicas, ou mesmo os estágios obrigatórios propostos pela universidade, era relevante e ético de minha parte fazer essa apresentação para os alunos. Não importava só o consentimento da escola e dos professores, eu precisava, também, sentir a disponibilidade por parte dos alunos.

Aproveitei a deixa da apresentação e planejei a confecção de crachás que serviriam para que eu identificasse os nomes dos alunos e permitisse a eles que falassem um pouco de si, da turma e da escola. Essa produção e a conversa sobre nossos nomes seriam, também, atividades de motivação prévia para a contação da história anteriormente citada.

O livro fez parte da introdução do trabalho em sala de aula. Pude realizar diversas atividades que variaram desde a confecção dos crachás, a exploração das informações e imagens da capa, a predição da história e os personagens, a própria contação da história, inferências e questionamentos com e sem registro, morfologia e ortografia de palavras até a representação gráfica pelo desenho.

Procurei identificar todas as informações contidas na capa como: título, autora, ilustradora e editora. Também lancei algumas perguntas, como: Por que será que o título do livro é Guilherme Augusto Araújo Fernandes? Será um personagem? Será um homem ou uma mulher? Qual será sua idade? Sobre o que tratará a história? Convidei os alunos para imaginarem e fazerem previsões sobre o que foi posteriormente apresentado.

“Quem conhece alguém velho? Quem são os avós da gente? Quem são os idosos? O que fazem? O que podem fazer? São sempre assim como na história? O que é um asilo? O que contou a história? O que gostei? O que não gostei? Como terminou a história?” Essas foram as perguntas planejadas por mim como provocação às inferências, durante a contação e sem registro.

Na primeira atividade de registro - responder às questões: “O que é memória? Pense e escreva coisas que podemos fazer para não esquecer. O que é envelhecer? Quando isso acontece?”, surgiu o primeiro problema porque não havia planejado “qual dos cadernos” os alunos utilizariam. E foi quase em “coro” que ocorreu a pergunta: “Profe, em qual caderno copio?”

Nossa combinação para essa situação não seguiu um critério relacionado à disciplina e foi baseado nas seguintes perguntas: “Qual o caderno que vocês trouxeram hoje? Qual está mais longe de acabar? Qual caderno vocês querem usar?” Diante desses questionamentos, cada um escolheu o que usaria e combinamos que seria esse o caderno que eles trariam durante a semana. Por sugestão da professora regente, combinei com eles que poderiam pintar algumas linhas para iniciar nossos registros a partir da marca e, assim o faríamos, também, no encerramento.

Queria valer-me dos jogos e brincadeiras, por vezes esquecidos nas turmas dos Anos Iniciais, como atividades que provocassem o movimento que eu queria trazer à sala e significativas aprendizagens a respeito de conceitos específicos, o raciocínio lógico-matemático, a estratégia, os enfrentamentos, a competitividade e a cooperação. Para tanto, escolhi, dentre muitas possibilidades, um jogo da memória com imagens reais de pessoas nas mais diversas situações, idades, etnias; um jogo de memória de três elementos que formam uma sequência lógica, como por exemplo, a figura de um menino, de um homem e de um idoso (representando a mesma pessoa); dois jogos de trilha, um sobre um passeio em um safári, no qual cada aluno recebe uma diferente família, com diferentes configurações e gerações, para que se imagine estar no carrinho de papel que é o peão nesse jogo, e outro chamado “Trilha da vida”, que apresentava no tabuleiro alguns sinais que indicavam ao peão que deveria parar nessas casas para retirar uma ficha e procedesse a leitura. Nessas fichas estavam descritos fatos comuns da vida cotidiana, positivos ou não, como por exemplo, fez 18 anos, conseguiu ou perdeu o emprego, entre outros.



E ainda, alongamentos e jogos com bolas e cordas preenchendo o período destinado à prática de educação física. Assim, os alunos puderam aproveitar o espaço da Educação Física para envolver-se em jogos de estratégia, coletividade e coordenação motora, de acordo com seus interesses. Sem que estivesse sendo imposta, de um dia para o outro, a atividade dirigida, mas que ela fosse entendida pela turma como uma alternativa possível e importante de existir na escola.

Além dos jogos anteriores, planejei um jogo de mímica, originalmente chamado de “Jogo dos Verbos”, que passei a chamar de: “Pode ou não pode?”. Era composto por 34 verbos escritos em fichas (tampas de Gatorade) dentro de uma caixa, da qual cada um dos alunos sortearia uma das fichas e fazia a mímica para que os colegas adivinhassem.

Refletimos a cada verbo sorteado, sobre o que os velhos poderiam e não poderiam fazer. Assim, de forma prazerosa, os alunos exploraram o corpo, conheceram a classe morfológica das palavras e discutiram mais a questão de como o velho era percebido na sociedade contemporânea e mais, especificamente, por eles.

Dentre as atividades planejadas, pensei em duas atividades de produção textual escrita que chamei de: Linha do Tempo Biográfica dos Personagens e Texto coletivo. Na primeira, em duplas, os alunos escolheram um dos personagens da história “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” para atribuir-lhes um passado. “Onde viveram? O que faziam?”, dentre outras informações. Foram planejadas para serem produzidas de forma escrita, apresentadas aos colegas e entregues à professora. Os alunos puderam, também, criar ilustrações para as partes da história.

A segunda atividade foi motivada através de uma poesia transcrita e entregue aos alunos. Fazendo a leitura dessa poesia e retomando a história de Guilherme Augusto, imaginamos a seguinte prospecção: Guilherme cresceu... Oralmente as crianças dariam ideias e o registro das palavras das ideias mencionadas iria sendo feito imediatamente no quadro pela professora. Quadro cheio de palavras, um breve debate e, em seguida, iniciamos a construção de um texto coletivamente. Assim, nos identificamos como autores e observamos como podemos tecer as partes de uma história.

Ambas as produções culminaram na produção de um livro de textos coletivos que não fazia parte dos planejamentos anteriores à semana de prática pedagógica, mas que representou o registro e fechamento das atividades relacionadas à temática

e, também, à história “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”. Digitalizei todos os textos, *scaneei* as ilustrações, imprimi e copiei um exemplar para cada um dos alunos. Cada um montou o seu livro na sala de aula, incluindo a capa. Montei uma unidade e a levei pronta, encadernada, e presenteei à turma para incluírem no acervo da biblioteca da escola.

Esse planejamento contou, também, com escritas a partir de imagens em grupo e individuais, formulação e entrevista com alguém velho, descrição oral de imagens retiradas de uma “caixa-surpresa”, palavras cruzadas, leitura de um texto sobre o envelhecimento e leitura para os colegas de fichas que continham curiosidades sobre a temática.

O texto sobre o envelhecimento foi escolhido por conter tanto informações sobre o envelhecimento, quanto vocabulário bastante variado. Esse texto possibilitou à turma um repertório de palavras e um tipo textual diferente, algo de caráter mais técnico e informativo do que artístico-literário, ou seja, uma novidade. Para trabalhar a interpretação dessa escrita e desse vocabulário, lemos o texto em roda, conversamos sobre o que entendemos da leitura, palavras que conheciam e palavras novas. Depois, fizemos palavras-cruzadas com algumas palavras retiradas do texto – envelhecimento, crescer, juventude, gerontologia, qualidade, expectativa, população e desenvolvimento.

Também busquei contemplar a resolução de jogos e problemas matemáticos. Problemas que envolviam cálculos relativos a tempo e idade de sujeitos - descobri-las e compará-las a outro valor numérico. Atividades de resoluções possíveis das mais diversas maneiras, para que o aluno pudesse explorar o cálculo mental, familiarizar-se com o algoritmo e não lhes fossem negadas outras possibilidades.

Para introduzir essa atividade em um dia, lancei perguntas para serem respondidas oralmente como: “N. tem 8 anos e L. 9, quem é mais velho? Quem é mais novo? Qual a diferença? Quantos anos L. tem a mais que N.? Quantos anos N. tem a menos que L.?” Fui aumentando a dificuldade e retomando, pouco a pouco. Lancei também o desafio: “Nasci no ano de 1986, já fiz aniversário este ano, quantos anos eu tenho?” E permiti que eles tentassem descobrir, trocando informações entre eles ou resolvendo sozinhos.

O desenho de alguém velho eu planejei, inicialmente, para os primeiros momentos dos encontros, mas percebi durante a observação que o desenho era visto como “coisa de criança” e, talvez, fosse necessário adiá-lo um pouco,

possibilitando que desenvolvêssemos a ideia que consistia em ver o desenho como uma importante forma de representação.

No primeiro dia, a partir da história de Guilherme Augusto que associou sua bola a algo que para ele valeria ouro, ofereci uma folha A3 e deixei livres os materiais a serem utilizados para que cada um dos alunos representasse graficamente o que, para eles, valia ouro. Também fiz minha construção de desenho do que valia ouro para mim, na tentativa de romper o desinteresse e até a timidez pela atividade, vista por eles como “coisa de criança”.

A mudança do planejamento da representação do velho através do desenho para o final ocorreu porque percebi que, através das falas, jogos e outras atividades eu poderia perceber como o velho era entendido por eles. E as atividades e os diálogos que tínhamos durante a semana poderiam, talvez, ampliar as possibilidades para essa representação. Dessa maneira, o desenho poderia ser, também, uma forma incomum de avaliar as aprendizagens dos alunos.

### **4.3 Avaliação**

De acordo com o meu entendimento, a avaliação é uma importante ferramenta para o pensar docente. Avaliar é elemento fundamental à educação e não se dá separadamente, ou seja, em momento distinto. As ações de educar e avaliar são coexistentes e simultâneas.

Esse planejamento me levou a entender a avaliação como uma atividade diária de reflexão, baseada nas respostas dos alunos, seus levantamentos, interesses, participações, bem como nas suas dificuldades. Possibilitou-me, ainda, perceber tanto os acertos e falhas em minha ação docente quanto aprendizagens e construções dos alunos.

A avaliação foi realizada através de uma criteriosa observação e, ainda, por meio das perguntas descritas em algumas atividades: “O que sabemos? O que descobrimos? O que aprendemos? O que gostamos? O que não gostamos? O que faria diferente? O que gostaria de fazer outra vez?” A avaliação proposta fez parte de um processo contínuo, de caráter investigativo e reflexivo, no qual procurei observar atentamente as respostas dadas pelos alunos às intervenções e perceber como o grupo agia, seus diálogos, suas atitudes, seus questionamentos, seus interesses e suas participações. Nesse sentido, a observação serviu como ponto de referência para as reformas no planejamento, para as novas intervenções e aprendizagens.

## **5 PERCEPÇÕES E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS**

### **5.1 Do aprofundamento dos conceitos gerontológicos**

As faltas de conhecimento gerontológico sentida durante a ação docente no segundo semestre de 2010 e a ausência de recorrências no LUME de escritos (TCC) que tratam o envelhecimento e a educação numa perspectiva de discussão de currículo escolar, foram importantes na minha escolha para o tema desse estudo.

Eu estava motivada a ampliar minhas buscas por informações, por materiais disponíveis para tratar da historicidade, na pretensão de uma totalidade do tema. Foi quando percebi uma dificuldade tremenda no que se refere a elencar obras de referência aos meus estudos acerca do envelhecer. Procurando esse aprofundamento teórico para a construção do trabalho, observei que obtive aprendizados significantes que poderiam, talvez, qualificar uma nova proposição prática. Percebo que essa gama nova de conhecimentos foi fundamental para situar a minha ação prática sobre alicerces teoricamente mais elaborados e, ao mesmo tempo, permitiu pensar nessa docência de forma mais reflexiva.

Meus conhecimentos sobre o tema eram, até então, inexpressivos. Para a prática pedagógica, principalmente em função da escassez de um tempo que me permitisse aprofundamentos teóricos da temática, amparei-me em artigos e publicações disponíveis na web. Qualquer informação era válida, sem preocupar-me em relação aos tipos de abordagens. No entanto, para evitar equívocos, procurei analisar apenas informações obtidas através de sites do Governo Federal, IBGE e universidades brasileiras.

Vale ressaltar que a inclusão do envelhecimento, mesmo que intuitiva, na prática pedagógica, em nada diminuiu a relevância dessa ação. Pelo contrário, permitiu-me perceber que, aos professores de ensino básico, não é necessário ser especialista em qualquer tema ou área, para incluí-lo em na ação docente.

É preciso sensibilizar-se com os sujeitos da ação pedagógica, com os temas, e ser especialista, exclusivamente, na própria educação. Essa sensibilização é o que torna possível ao professor atentar e adequar o currículo de acordo com as demandas pessoais e da sociedade em geral, além de promover a inclusão de práticas de ensino mais prazerosas, nas quais as aprendizagens podem ser mais significativas e menos fragmentadas.

### **5.2 Ressignificação da aprendizagem escolar**

Destaco, ao apresentar o Planejamento Pedagógico “Educação, envelhecimento e sociedade”, o planejamento pedagógico baseado em uma metodologia de projetos e as significações das aprendizagens decorridas desse procedimento.

Percebo, ao recordar a prática e seguir as reflexões a cerca dessa, que a educação é indissociável da vida, seja ela específica de cada sujeito da ação pedagógica ou aquela que circunda a ação, de forma mais geral, na vida da sociedade. A educação escolar “é vida, não preparação para a vida”. Percebendo-se essa relação, torna-se possível adequar o currículo na tentativa de uma ressignificação da ação educativa escolar. (DEWEY,1967, p. 37)

O trabalho com o projeto “Sociedade e Envelhecimento” favoreceu a inclusão de temáticas relevantes ao momento e às transformações sociais atuais. E ainda, possibilita que a sala de aula seja um espaço que ouça o que aluno tem a dizer e valorize essas contribuições. A aprendizagem se torna mais significativa a partir dos saberes prévios dos alunos em diálogo com o conhecimento científico, através de experiências escolares mais lúdicas, coerentes, democráticas, que envolvam reflexão e crítica e que apostem em momentos de construções coletivas.

Segundo Hernández (1998, p. 57), para tornar significativo um novo conhecimento é fundamental que se relacione com a realidade dos sujeitos da ação pedagógica, ou seja, que sejam saberes contextualizados. É preciso haver conexão com o que sabem os sujeitos, suas experiências, “seus esquemas internos e externos de referência, ou com as hipóteses que possam estabelecer sobre o problema ou tema”. Enfim, é importante partir do que se sabe de modo a confirmar, ampliar ou desconstruir conceitos.

A utilização do livro de literatura infantil em projetos semelhantes a esse, tem caráter significativamente socioeducativo. Possibilita o diálogo intergeracional e contribui para a construção de uma sociedade para todas as idades, evitando a segregação e a formação de “guetos geracionais”.

O estímulo à cooperação e à participação, através do trabalho com projetos, compreende, também, uma ação pedagógica fundamental às aprendizagens sociais que significam a construção de saberes, valores e habilidades para além das estritamente escolares.

Como defende Gadotti (2002, p. 1-2), ao lembrar Paulo Freire, a escola é um “lugar de pessoas” um “espaço de relações”, não é só estrutura física, não é só um

lugar para estudar, é, sobretudo, onde se encontra, se confronta e se relaciona com o outro. E é tarefa da escola “formar para e pela cidadania, visando construir os pilares de outro mundo possível”.

Para Miguel Arroyo (2009), nós não nascemos humanos, tornamo-nos humanos ao longo de nossa existência. E esse “tornar-se humano” se dá na relação com o outro. São nossas experiências sociais e culturais que vão ser os aportes da construção de nossas vidas, personalidade e caráter.

Outro destaque que faço a esse planejamento é a impossibilidade de se usar “um caderno só”, ou seja, incluí-lo ou relacioná-lo a apenas uma disciplina escolar. O que em algumas das atividades desenvolvidas parecia impossível aos meus olhos identificar se estávamos tratando de Língua Portuguesa, Ciências ou Estudos Sociais.

O trabalho com propostas de organização do ensino globalizantes e interdisciplinares defende a ideia de que as propostas curriculares e o planejamento pedagógico “devem ser organizadas de forma não fragmentada, abrangendo diferentes áreas de conhecimento, privilegiando conteúdos relevantes no momento histórico e no contexto onde serão trabalhados” (XAVIER, 1997).

O ensino fortemente fragmentado não favorece o desenvolvimento dos indivíduos como cidadãos de direitos sociais, culturais e políticos, bem como para cidadãos de deveres, desconsiderando-os em sua totalidade. Em razão disso, por entender que a prática educativa interdisciplinar é uma solução frente à fragmentação do ensino, ou seja, possibilita as aprendizagens significativas, sejam elas de conteúdos, de conceitos específicos ou de aprendizagens sociais. Percebo que a temática do envelhecimento, por sua natureza multidisciplinar, constitui uma ferramenta que favorece a interdisciplinaridade no currículo escolar.

Demo (1998, p. 88-89) define a interdisciplinaridade “[...] como a arte do aprofundamento com sentido de abrangência, para dar conta, ao mesmo tempo, da particularidade e da complexidade do real”, sem a qual se limita o conhecimento a especificações que impossibilitam a aprendizagem da existência de uma totalidade relacionada a esse conhecimento.

Em oposição às práticas da escola para a qual se dirigiu o planejamento pedagógico, onde os conteúdos considerados clássicos, ou seja, a língua portuguesa e a matemática eram priorizadas e tidas como absolutas, a inclusão da temática do envelhecimento representou uma valorização a outras abordagens, que

me parecem ter maior relevância na atualidade, a qual pretende que a educação seja formadora de sujeitos mais humanos.

Acredito que a ação pedagógica, desenvolvida com a inclusão da temática do envelhecimento, preocupou-se mais com educação do que com ensino. Atribui-se ao ensino um valor estritamente conteudista e as aprendizagens tidas como escolares. A educação, por sua vez, entendida como algo que vai além, uma prática de ensino para além dos conteúdos, que perceba o sujeito em seus mais diversos aspectos a fim de possibilitar-lhe um crítico enfrentamento da vida, a liberdade, o conhecimento e a autonomia.

### **5.3 Alguns olhares infantis na representação da velhice**

A cada dia que passava, percebia que as crianças, em especial a daquela turma, muito teriam a dizer sobre a sociedade em que viviam. Possibilitei, por meio das falas, hábitos e brincadeiras, que o grupo expusesse seus conhecimentos sobre a velhice. Pude inferir e analisar, a partir do registro de suas falas e das atividades desenvolvidas, como o velho era concebido e representado pelo grupo de crianças.

A Representação, nesse trabalho, é entendida como a percepção, concepção, ideia ou imagem, que os sujeitos constroem de algo, conscientemente ou não, baseando-se nas experiências singulares, atravessados, inevitavelmente, pelas práticas sociais e a cultura que os gesta.

As representações traduzem

a maneira graças à qual os diversos atores assimilam, elaboram e difundem conhecimentos sobre a realidade e qual o sentido imaginário destes. Segundo, porque estes conhecimentos – lembremos com Moscovici e Jodelet – permitem que a sociedade aprenda a se situar no (diante do) mundo, que ela revele o que e como está significando o mundo. (Oliveira, 1999, p. 191)

Na turma em questão era notório desde a observação que cada criança (dentre as 13) tinha seu entendimento próprio sobre o que é ser velho e quem são os velhos. Quase não houve unanimidade quando o assunto era a velhice. Exceto ao atribuir a certas ações como erros, esquecimentos e até fracassos em brincadeiras do recreio que pareciam velhos, estavam ficando caducos. Focando algumas das atividades que desenvolvemos, tentarei dividir com o leitor as representações observadas durante o período da prática pedagógica.

As primeiras considerações que trago são relativas aos questionamentos surgidos a partir da contação da história mencionada. “Quem conhece alguém

velho? Quem são os avós da gente? Quem são os idosos? O que fazem? O que podem fazer? São sempre assim como na história (de pijamas e pantufas)? O que é envelhecer? Quando isso acontece?”

Ao ouvirmos uns aos outros, partimos para uma breve construção escrita sobre o que é envelhecer. Nessa produção, pude evidenciar que o entendimento sobre essas questões é algo primordialmente pessoal e subjetivo para as quais muitas seriam as possíveis respostas.

Significa saber mais coisas da vida e também saber novas descobertas do mundo inteiro, fazer novos amigos e aprender novas coisas. (N. 10 anos)

Ficar velho pra sempre (R. 9 anos)

Ao analisar a avaliação das entrevistas pela turma foi indicada, pela grande maioria deles, que a pergunta que mais gostaram de fazer foi “como é ser velho?”. E as respostas para essa questão foram as que trouxeram recorrências, informações similares, como assumir mais responsabilidades e ter mais experiência.

Através do jogo “Pode ou Não Pode”, existiram muitas discordâncias, mas apesar delas, soluções eram rapidamente elaboradas e facilmente aceitas pelo grupo. Como exemplo, temos o momento em que alguém propunha como N. de 9 anos: “Jogar pode sim professora. Pode jogar, tem dama e bingo”. Ou ainda, como A., 10 anos, para muitos dos verbos do jogo como andar, pular: “pode sim, bem devagarzinho”.

Namorar e gritar foram unanimidades na classificação do não pode para esse grupo. Para as tarefas da vida prática, como limpar e varrer, foram ditas coisas como: “não faz se tá muito velhinha”, “faz se tem que fazer, mas dói o braço” e, ainda, “os braços já estão cansados daí não é bom fazer mais”. Verificou-se, também, a existência de relações de gênero para algumas atividades, além das de geração.

Ao chegar a sexta-feira da semana em questão, depois de termos observado diversas imagens, publicidades, notícias e outras, veiculadas na mídia, principalmente em jornais, produzimos as nossas representações da velhice através do desenho.

Transformar a representação individual da velhice em registro desenhado propicia conhecer o entendimento simbólico, temático e conceitual da criança. Sujeitos em busca do envelhecimento ativo, namorando, passeando, indo a igrejas e praças, saindo com amigos apareceram em maior número do que sujeitos asilados,



que não saem de casa, com expressões sóbrias ou tristes, ainda que tenham sido também representados.

Foi perceptível, ao contrastar com produções anteriores, nas quais retrataram crianças e adultos, que o desenho de alguém velho assemelhava-se muito ao que retratava a criança, porém era acrescido de óculos e/ou bengala. Esses objetos estiveram presentes, respectivamente, em 45% e 27% dos desenhos.

Talvez possamos relacionar a semelhança entre o velho e o novo no desenho das crianças da turma como uma semelhança própria a uma representação que os aproxima. Tanto as crianças quanto os idosos são concebidos pela sociedade como sujeitos frágeis, dependentes, que se asseguram os direitos fundamentais através de estatutos que os colocam nessa posição de responsabilidade de outro, provavelmente, adulto, independente e capaz.

Durante a construção do texto coletivo evidenciou-se o surgimento de questões sociais a serem problematizadas e que, nessa turma, se percebeu como circundante ao envelhecimento (o que também é importante de ser questionado). Dentre as questões sociais destaque: a constituição de família, o desemprego, a drogadição, o abandono, a vulnerabilidade e a questão da morte.

Discutir as questões relativas ao envelhecimento levou esse grupo de alunos a refletir sobre outros atravessamentos da vida cotidiana. As questões descritas anteriormente, surgidas a partir de uma explosão de ideias para a construção de um texto coletivo, revelaram-se presentes na vida de um ou mais indivíduos do grupo, demonstrando talvez a relevância de promover uma ação pedagógica efetivamente participativa e contextualizada.

Finalizo essa análise pensando nas possibilidades e perspectivas de promover um ensino de conhecimentos gerontológicos, baseando-se nas construções da imagem da velhice pela perspectiva infantil. Partir, também, dos olhares entre as gerações, buscando a aceitação das diferenças e o respeito mútuo. E mais do que isso, tornar a escola menos omissa em relação a esse tema que está intrínseco à vida humana.

## 5 POR ONDE ANDEI, SIGO – CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

A coragem de mudar ensina que todos nós - [criança] velhos, jovens ou adultos – somos seres inacabados e recebemos, a todo instante, um convite sempre renovado da vida para que aceitemos essa condição transitória e tratemos de experimentar a renovação, a cada momento. (OLIVEIRA, 2008, p. 68-69)

Parti para a elaboração do presente trabalho com alguns indícios de certezas. Conflitei-me com elas e comigo mesma por não raras vezes, mas permaneço convicta de que, ao findar esse estudo, sigo trilhando pelos mesmos caminhos, munida de mais anseios e confirmações, ou seja, é possível revisar o currículo escolar na tentativa de torná-lo atrativo frente às expectativas individuais e coletivas, bem como representar o atendimento às reais necessidades dos seres humanos. Para tanto, é imperioso e urgente a inclusão dos estudos gerontológicos.

Durante a construção desse trabalho, não foram poucas as vezes que não tive certeza da resposta para onde apontar os meus estudos. Identificar se é possível e, mais que isso, se é relevante tratar do tema envelhecimento no currículo escolar. Por vezes, ressalvei-me por confirmar ambas, relevância e possibilidade. Outras vezes, me antecipei em dizer que seria urgente essa confirmação.

Tamanha dúvida se apresentava justamente por questionar-me ao trato que poderia vir a ser dado ao meu estudo, que não se pretende indicar mais um componente de um rol de conteúdos sem sentido, ou uma disciplina para qual preciso de um caderno diferente. Mas, que pretende atentar educadores e escolas aos movimentos do mundo e da sociedade, que podem parecer estar fora dos muros da escola, mas não estão. São inerentes a ela e aos sujeitos que ela (e dela se) constitui.

As reformas curriculares atuais têm encontrado elementos cuja importância me parece indiscutível. Entretanto, sua aplicabilidade em todos os níveis da educação escolar brasileira pode ser visto como um desafio para a escolarização atual. A inclusão dos estudos gerontológicos, ou seja, a temática do envelhecimento é, para muitos, algo delicado, pois necessita que aos professores, em sua formação, seja ao menos propiciada alguma reflexão a cerca do tema. Não é preciso especializar os professores no que se refere ao tema, mas é fundamental sensibilizá-los.

Se, por um lado, entendemos a importância da educação das novas gerações, e percebemos a escola como a principal instituição de educação formal na

contemporaneidade, por outro não parece lógico que se omitam nas salas de aula da educação básica brasileira o ensino e discussão sobre temas mais atuais e relevantes, como o envelhecimento.

Compreende-se que o professor ocupa um espaço central no gerenciamento da sala de aula, dos movimentos, das possibilidades, da seleção das abordagens e temas que serão discutidos e também negligenciados. Evidencia-se que, aos professores, em sua formação, é preciso também oportunizar que se discutam as relações e as transformações sociais atuais, teorias para além do tecnicismo, de certos saberes mantidos nas instituições formais de ensino com privilégio.

Uma “relativa segurança de uma vida longa” representaria outro argumento para o ensino sobre o envelhecimento nos diferentes níveis de educação formal. Se, por um lado, tendenciamos a chegar lá, também não raras serão as vezes em que passaremos ao longo de nossas vidas pelo convívio com pessoas idosas de forma pessoal e/ou profissional.

Se eu entendo que é possível traçar planos para o futuro, que minhas ações objetivem-se em etapas não menos importantes da vida. Não posso abdicar-me de tratar do gerenciamento de minhas atividades profissionais e não profissionais, tendo em vista que, hoje, muitas pessoas vivem 20, 30 ou até mais anos, após a aposentadoria. Nem da possibilidade de compreender que minhas ações no presente podem surtir efeitos positivos ou não num futuro que é provável.

Há a necessidade de propostas intergeracionais e informações sobre o envelhecimento em todos os níveis de educação, desde os primeiros anos da formação escolar, para o conhecimento e a compreensão da vida humana em sua inteira extensão. No ensino técnico e superior é necessário para garantir a formação e a qualificação profissional que atenda as novas e reais necessidades da população.

Quanto à formação profissional, pude perceber, durante esses estudos e minha graduação, a tendência dessa formação se apresentar em caráter complementar aos mínimos exigidos, em programas de extensão e palestras, o que não corresponde com o que percebo necessário frente às transformações sociais atuais. Isso também acontece frente aquilo que é exigido na legislação atual, como por exemplo, na Lei 8842/94, em seu Art. 10, inciso III, alínea “b”: “[...] inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o

processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto;”.

Essas mudanças curriculares não são simples, ao contrário, são complexas e pressupõe disputas entre diferentes áreas e profissionais pelo concorrido espaço no currículo escolar. Além de exigir que aos professores dos diferentes níveis de ensino, em suas formações, tivesse sido propiciado um conhecimento mínimo que pudesse chamar a atenção ao tema e instrumentalizar a ação docente.

A inserção, portanto, de estudos gerontológicos na educação escolar mostrou-se possível e fundamentalmente, necessária. Tanto para os sujeitos em relação à sua própria vida, corpo, vivências, como para entender as transformações sociais atuais e, principalmente, para a intergeracionalidade nas relações.

Entendo que não há garantias de que, ao tratar a temática em salas de aula e propiciar aos alunos que conheçam o processo de envelhecimento, será suficiente para acabar com preconceitos enraizados na cultura. No entanto, há indícios que esse é um passo primordial para problematizar e desconstruir concepções distorcidas e preconceituosas em relação ao envelhecimento e aos idosos em sociedades contemporâneas onde a educação não deve se restringir às escolas, nem à infância, nem à juventude, mas que, necessariamente, ainda passam por elas.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Alessandra Velloso de. O Lúdico como Instrumento Cultural de Aproximação de Gerações. In: **A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento**. vol. 16 nº. 33 SESC – São Paulo: junho, 2005.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro:LTC, 1981.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: Imagens e auto imagens**. 3ª ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2009.
- BARROSO, Áurea E. Soares Trajetória do Interfórum do Cidadão Idoso e dos Fóruns Regionais de Cidadãos Idosos – Um Sujeito Coletivo e Político – 1995-2005. In: **A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento**. vol. 19 nº. 42 SESC – São Paulo: junho, 2008.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília, 05 de outubro de 1988.
- BRASIL. Governo Federal, Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. **Comunicado IPEA nº 93**, 24 de maio de 2011. Série Eixos do Desenvolvimento brasileiro.
- BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Lei nº 10.741, de 3 de outubro de 2003.
- BRASIL. **Política Nacional do Idoso**. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994.
- BRASIL. **Decreto que regulamenta a Política Nacional do Idoso**. Decreto nº 1.948, de 3 de julho de 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais/ Saúde**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Política Nacional de Saúde**. Portaria n.º 1.395/GM de 10 de dezembro de 1999.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.
- BOSI, Ecléa. Manual de Informações. In: **Projeto Universidade Aberta à Terceira Idade USP**. Julho / 2003.
- BOTH, BOTH e GASSEN; Agostinho, Tatiana Lima e Tatiana. Da intersubjetividade à subjetividade: dos significados das narrativas públicas dos avós para seus netos. In: **Envelhecimento Humano: saberes e fazeres**. Marilene Rodrigues Portela, Adriano Pasqualotti, Mauro Gaglietti (org.) – Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário da língua portuguesa**. FTD, São Paulo: 2004.

CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: **Tratado de Gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 88-105

CARLOS, Sergio Antonio. Tradução não oficial Plano Internacional sobre o Envelhecimento. UFRGS/ Disponível em <<http://www6.ufrgs.br/e-psico/publicas/humanizacao/prologo.html>> no dia 4 de março de 2011.

CENEVIVA, Walter. Estatuto do Idoso, Constituição e Código Civil: A Terceira Idade nas Alternativas da Lei. In: **A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento**. vol. 15 nº. 30 SESC – São Paulo: maio, 2004.

DEMO, Pedro. **Conhecimento moderno**: sobre ética e intervenção do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. 6 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

DOLL, Johannes. Finitude – Algumas Reflexões. In: Castro, Odair P. de (org.) **Envelhecer** - Revisitando o corpo. Sapucaia do Sul: Notadez, 2004. p. 115-122 (7p).

DOLL, Johannes. Educação e Envelhecimento – fundamentos e perspectivas. In: **A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento**. vol.19 nº. 43 SESC – São Paulo: outubro, 2008.

DOLL, Johannes. Educação, cultura e lazer: perspectivas da velhice bem-sucedida. In: **Idosos No Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. Anita Liberasso Neri (org). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.

FERNANDES e FERNANDES, Maria das Graças Melo e Bruno Melo. Unindo os fragmentos: construção de políticas públicas e garantia de direitos para idosos no Brasil. In: **A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento**. vol. 21 nº. 49 SESC – São Paulo: novembro, 2010.

GADOTTI, Moacir. **Reinventando Paulo Freire na escola do século XXI**. São Paulo, 2002. Disponibilizado pela Associação Nacional de Política e Administração da Educação, sob o endereço virtual <http://www.isesecure.com.br/anpae/342.pdf>.

GUIMARÃES, Renato Maia. Brasil: país de cabelos brancos. In: **A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento**. vol.19 nº. 43 SESC – São Paulo: outubro, 2008.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**: o conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HOFFMANN, Maria Edwiges. **Bases Biológicas do Envelhecimento**. Artigo publicado na revista *IdadeAtiva*, SBPC/Labjor, Brasil: 2002.

KERTZMAN, Olga Facciola. Responsabilidade Social e Envelhecimento. In: **A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento**. vol. 16 nº. 33 SESC – São Paulo: junho, 2005.

KESSEL, Zilda. Lembrar, Contar, Compartilhar: A memória como caminho para o diálogo intergeracional. In: **A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento**. vol. 15 nº. 30 SESC – São Paulo: maio, 2004.

NERI, Anita Liberalesso. Atitudes e preconceito em relação à velhice. In: **Idosos No Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. Anita Liberasso Neri (org). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.

NETTO, Francisco Luiz de Marchi. Aspectos Biológicos e Fisiológicos do Envelhecimento Humano e suas Implicações na Saúde do Idoso. IN: **Pensar a Prática**. p. 75-84, Mar. - 2004.

NETTO, Matheus Papáleo. O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: **Tratado de Gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 2006. p. 2-12

OLIVEIRA, M. Representação social e simbolismo: os novos rumos da imaginação na sociologia brasileira. IN: **Revista de ciências humanas**. Curitiba: Editora da UFPR, n.7/8, 1999, p.173-193.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Conflitos e diálogos entre gerações. In: **A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento**. vol.19 nº. 43 SESC – São Paulo: outubro, 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plano de Ação Internacional Sobre o Envelhecimento**. Tradução de Arlene Santos. — Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2002.

PORTELA, PASQUALOTTI e GAGLIETTI. Marilene Rodrigues; Adriano e Mauro. Envelhecimento Humano saberes e fazeres. In: **Envelhecimento Humano: saberes e fazeres**. Marilene Rodrigues Portela, Adriano Pasqualotti, Mauro Gaglietti (org.) – Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento**. Disponível em <<http://www.josesilveira.com/artigos/erikson.pdf>> no dia 24 de maio de 2011.

RAMOS, Anne Carolina. **Cultura infantil e envelhecimento: o que as crianças têm a dizer sobre a velhice?** : um estudo com meninos e meninas da periferia de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação - Porto Alegre, 2006.

RIO GRANDE DE SUL. **Política Estadual do Idoso**. Lei nº 11.517, de 26 de julho de 2000.

SANTOS e SILVEIRA, Divina F. e Nadia D. R. A escrita como possibilidade coeducativa: aproximando gerações. In: **A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento**. vol. 21 nº. 49 SESC – São Paulo: novembro, 2010.

SILVA, Anna Cruz de Araújo Pereira da. O papel da ONU na Elaboração de uma Cultura Gerontológica. In: **A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento**. vol. 18 nº. 39 SESC – São Paulo: junho, 2007.

SILVA, Teresinha Maria Nelli. O Idoso, a Educação Popular e a Política Social. Uma Leitura a partir de Paulo Freire In: **A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento**. vol. 19 nº. 42 SESC – São Paulo: junho, 2008.

SILVA, Tomas Tadeu da. **Documentos de Identidade**: Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda de. Velhice e políticas públicas. In: **Idosos No Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. Anita Liberasso Neri (org). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.

TODARO, Mônica de Ávila. Direitos humanos e pesquisa em Gerontologia no Brasil. In: **A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento**. vol. 21 nº. 49 SESC – São Paulo: novembro, 2010.

TÓTORA, Silvana. A vida nas dobras: as dobras da velhice. In: **A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento**. vol.19 nº. 43 SESC – São Paulo: outubro, 2008.

VENTURY e BOKANY, Gustavo e Vilma. A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In: **Idosos No Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. Anita Liberasso Neri (org). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.

XAVIER, Maria Luisa M et all. Planejamento e Prática de Ensino em Séries Iniciais: introduzindo a questão. **O Ensino nas Séries Iniciais**. Porto Alegre: Mediação, 1997.



## APÊNDICE A – PLANOS DIÁRIOS

### PLANO DIÁRIO - Segunda-feira, dia 10 de maio de 2010.

#### Conteúdos possíveis

Envelhecimento; Relações intergeracionais; Função social da linguagem; Percepção auditiva; Interpretação: predição e inferência; Oralidade; Ludicidade; Língua escrita; Consciência fonológica; Morfologia; Repertório lexical; Representação gráfica; Criatividade.

#### Atividades

- **Confecção de crachás móveis de mesa.**

Comecei a semana com uma apresentação minha, meu nome, o que fazia na época, o porquê de eu estar ali, por quanto tempo, meus objetivos e expectativas com essa estada. Sugerindo aos alunos uma confecção de crachás que serviriam para que eu identificasse seus nomes e permitindo a eles que falassem um pouco de si, da turma e da escola. Disponibilizei papéis A4, coloridos e brancos, e cada um pôde escolher o que usaria. Depois, dobraria em três partes iguais e escreveria seu nome. Puderam ser usados materiais de uso coletivo disponíveis na sala, como lápis de cor e canetas hidrográficas.

Esta atividade foi pensada principalmente como motivação prévia para a contação da história que aconteceria em seguida e para propor outras disposições de lugares em outros dias e outras atividades.

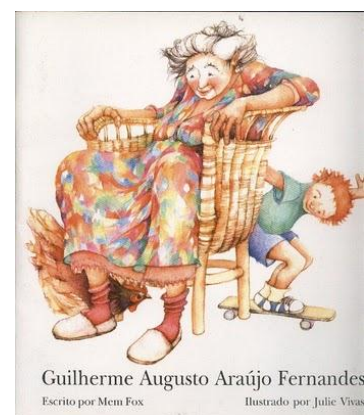
- **Exploração da capa, informações e título do livro Guilherme Augusto Araújo Fernandes.**

Procurei identificar todas as informações contidas na capa como título, autora, ilustradora, editora.







Lançando algumas perguntas, como: Por que será que o título do livro é Guilherme Augusto Araújo Fernandes? Será um personagem? Será um homem ou uma mulher? Qual será sua idade? Sobre o que tratará a história? Convidei os alunos, ouvintes, a imaginar e fazer previsões sobre o que foi depois apresentado.

- **Predição dos personagens**

Atividade de atribuir aos personagens da história seus nomes e características valendo-se dos aspectos linguísticos.



Apresentei as imagens ampliadas dos “velhos” da história, fixei-as no quadro e pedi aos alunos que me ajudassem a identificar previamente o nome e uma característica de cada um dos personagens. Para que depois de iniciarmos a leitura pudéssemos perceber nossos erros e acertos. Bem como a associação das imagens com as palavras e as relações dessas através das rimas.

Sra. Silvano	Sr. Cervantes	Sr. Possante	Sra. Mandala	Sr. Valdemar	Dona Antônia
Alguém que toca piano.	Aquele que conta histórias arrepiantes.	Aquele que tinha voz de gigante.	Aquela que andava com uma bengala.	Alguém que adora remar.	Tem quatro nomes como o menino.
					

Após a contação retomamos a identificação dos personagens o que acertamos, o que erramos, o que percebemos, o que não tínhamos percebido.

- **Contação da história Guilherme Augusto Araújo Fernandes**

Contação da história “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”, um livro escrito por Mem Fox, autora australiana, em 1984, que traz como principais temas: memória, intergeracionalidade e o envelhecimento.

O livro conta uma bonita história sobre a amizade entre um menino e uma senhora de 96 anos, que vivia em um asilo ao lado de sua casa e que perde sua memória. O que é uma memória? Essa passa a ser a pergunta deste menino a todos os demais personagens da história, seus pais e outros velhos, retratados nesta obra no asilo, de pijamas e pantufas. E essa pergunta que parece bem complicada sob o olhar de criança do menino dá à história um desfecho simples, belo e inusitado.

Permitindo, portanto, ao aluno que assistisse à contação de uma história, de forma prazerosa em que estivessem eles participando da leitura e interpretação das

imagens do livro, bem como, familiarizando-se com o vocabulário e temática da história.

- **Inferências**

Buscando que os alunos fizessem inferências sobre a velhice e os processos de envelhecimento a partir da história ouvida, fiz alguns questionamentos, para que participassem e expusessem oralmente suas respostas e opiniões. Proporcionando, dessa maneira, momentos em que se desenvolveriam a coerência e a criatividade nos discursos e, além disso, que fossem promovidos: a oralidade e a livre expressão, o respeito as suas opiniões e a dos demais e os sentimentos de coleguismo e cordialidade.

Quem conhece alguém velho? Quem são os avós da gente? Quem são os idosos? O que fazem? O que podem fazer? São sempre assim como na história? O que é um asilo? O que contou a história? O que eu gostei? O que não gostei? Como terminou a história?

Além disso, poderia perceber a partir das respostas do grupo, como se deu a contação de história e quais as relações estabelecidas por eles entre a história, a sociedade e as suas vidas.

Também distribuí uma página com a cópia história para que cada um dos alunos a tivesse.

- **Responder**

Pedi aos alunos que copiassem três perguntas no caderno. Sendo as duas primeiras respondidas em aula, coletivamente, a partir das opiniões por eles expressadas. E a terceira, para ser pensada e respondida em casa e trazidas no outro encontro. De forma que possibilitasse ao aluno, não apenas construir as respostas para tais questões, mas principalmente para que essas fossem ações reflexivas, discutidas e que também pudessem, quem sabe, transpor as cercas da escola e demonstrassem que a reflexão não cessa ao fim de um período. Mas ela pode voltar a nossos pensamentos e discussões em momentos extraclasse, por intermédio ou não do professor.

1. O que é memória?
2. Pense e escreva coisas que podemos fazer para não esquecer.
3. O que é envelhecer? Quando isso acontece?

Para essa atividade foi necessário deixar claro ao aluno que eu esperava que eles pensassem a respeito e que dessem suas opiniões. Visto que não era hábito que dessem respostas próprias aos questionamentos escolares, sem buscá-las através de um texto, ou que as construíssem por intermédio do coletivo.

- **Palavras com palavras dentro**

Em seguida, propus esta atividade como um desafio para ser desenvolvido no caderno. Tratou de se tirarem as palavras de sua forma estática e propor que se observassem as estruturas, possibilitando que se formassem novas palavras. A partir da exploração dessas palavras perceberam aspectos ortográficos, fonológicos e semânticos. E talvez, ainda, durante a correção, se ampliou o repertório lexical desses alunos.

Exemplo: sapato - *sapa; pato; pá; ato*

Silvano - *Silva; ano*

Mandala - *manda; anda; lá*

memória - *ria; emo*

noventa - *nove; venta*

arrepiantes - *ar; pia; arrepia; antes*

procurou - *procuro; curou; curo*

adorava - *adora; ora; Dora; dor*

marionete - *Mario; rio*

amarrar - *ar; mar; amar; amarra; marra*

- **Organizar em ordem alfabética**

Esta foi uma atividade solicitada pela professora regente da turma e seria registrada no caderno. Percebi durante as observações que se trataria de algo que eles executariam com bastante facilidade e que geralmente o fazem sem um objetivo específico, por tanto, aproveitei para estimulá-los a responder juntos, apostando novamente no coletivo. E ainda, permiti que eles escrevessem as repostas no quadro. Favorecendo, assim, a partir de uma atividade que desenvolvem com segurança e propriedade que eles pudessem se manifestar e que fossem possíveis ações solidárias em sala de aula. Permitindo também que, em sala de aula, os alunos pudessem agir com autonomia, fossem independentes, curiosos, confiantes e desembaraçados.

- **Procurar no dicionário**

Questionando-os sobre as serventias da ordenação alfabética. Propus que os alunos procurassem no dicionário as palavras: velho, idade e memória. Discutíssemos os achados, eles e eu, e escrevêssemos no quadro uma definição para cada um dos verbetes. Depois registramos no caderno.

- **Artes Plásticas**

Na história Guilherme Augusto associou sua bola a algo que para ele valeria ouro. A partir disso, para incentivar a reflexão, a expressão gráfica e a criatividade, ofereci uma folha A3 e deixei livres os materiais a serem utilizados para que cada um dos alunos represente graficamente, com representação escrita se quisesse, o que para eles valia ouro. Foi preciso que eu também iniciasse minha construção do que valeria ouro para mim, pois alguns alunos esboçaram desinteresse pela atividade, pois seria “coisa de criança”. Depois desse meu movimento todos se envolveram com a proposta desenvolvendo-a com motivação e criatividade.

- **Pode ou não pode?**

Trata-se de um jogo de mímica chamado Jogo dos verbos. São 34 verbos escritos em fichas (tampas de Gatorade) dentro de uma caixa, cada aluno vai sortear uma das fichas e fazer a mímica para que os colegas adivinhem. Essa atividade possibilitaria a introdução de ferramentas de aprendizagem importantes, por vezes esquecida nas turmas dos Anos Iniciais, a brincadeira e o jogo.

Juntamente com o jogo discutimos a cada novo verbo sorteado sobre o que os velhos poderiam e não poderiam fazer. Assim, de forma prazerosa, os alunos exploraram o corpo, conheceram essa classe morfológica de palavras e discutiram mais a questão de como o velho era percebido, na sociedade contemporânea e mais especificamente, por cada um deles.

Essa atividade foi registrada pela professora para intervenções posteriores.

## **PLANO DIÁRIO - Terça-feira, dia 11 de maio de 2010.**

### **Conteúdos possíveis**

Função social da escrita; Noções de sequência relativa à vida humana; Autonomia e organização; Produção textual; Coesão; Representação gráfica; Criatividade; Oralidade; Ortografia da língua escrita; Consciência fonológica; Coleguismo, cordialidade e noções de coletividade; Habilidades psicomotoras; Motricidade ampla; Noções de estratégia de jogo.

### **Atividades**

- **Linha do Tempo Biográfica dos Personagens**

Colei primeiro um cartaz intitulado linha do tempo, retirado de uma revista de projetos para o Ensino Fundamental, que trazia a figura do homem bebê, menino, jovem, adulto e velho, respectivamente. Sem falar nada deixei que os alunos se aproximassem e explorassem o material, conversando entre eles.

Em seguida, expus informações e incentivei que os alunos dissessem o que percebiam sobre: crescer, desenvolver e envelhecer. Aproveitando assim, para explorar e socializarem as respostas que já tinha sido proposta para ser pensada em casa.

Em duplas, os alunos escolheram um dos personagens da história “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” para atribuir-lhes uma história. Onde viveram? O que faziam? Entre outras informações. Deveriam ser escritas e entregues essas produções textuais e depois ocorreria a apresentação para a turma. Os alunos puderam, também, criar ilustrações para as partes da história.

Essa atividade permitiu que os alunos, utilizando a imaginação e a criatividade, explorassem o trabalho cooperativo, a atividade coletiva, os enfrentamentos, o debate, ao discutir, opinar, ouvir o outro e tomar decisões em momentos de conflito. A própria organização do trabalho, das ideias, a divisão ou não de tarefas, a cooperação eram o foco de trabalho para a dupla e relação a desenvolvimentos sociais e cognitivos importantes. Alguns aspectos fundamentais da função social da escrita estiveram evidenciados como a existência real de um leitor/ouvinte, escrever para contar aos colegas, a coesão e coerência e também, a própria ortografia.

Essa atividade permitiu também estimular a criatividade, o raciocínio lógico; trabalhar os conceitos de sequência, antes e depois, passado e presente, e promover a interação das diferentes expressões da linguagem.

- **Jogos com bolas e cordas**

A partir da inexistência de atividades dirigidas no período destinado a Educação Física e do pedido feito por alguns alunos para que as fizesse. Propus primeiramente, uma atividade de alongamento e procurei ressaltar a importância disso antes de atividades físicas. Após, possibilitei que participassem optativamente de dois jogos que estavam sendo desenvolvidos simultaneamente. Uma atividade de pular cordas e um jogo com bola, caçador.

Assim, os alunos puderam aproveitar o espaço da Educação Física para envolver-se em jogos de estratégia, coletividade e coordenação motora, de acordo com seus interesses. Sem que estivesse sendo imposta de um dia para o outro a atividade dirigida, mas que fosse esta entendida pela turma como uma alternativa possível e importante de existir na escola.

- **Retomada e Avaliação**

Distribuição de uma folha avulsa com os verbos, do jogo pode ou não pode, para serem recortados, classificados e colados em uma tabela. Essa atividade foi breve e teve caráter reflexivo e de registro. Porém, junto a essa atividade iniciei alguns questionamentos sobre as aprendizagens verificadas até então, atividades que gostaram e não gostaram, enfim, procurei avaliar o que de significativo foi construído e vivenciado nas atividades em aula.

- **Jornalistas por um dia**

Escrevi a palavra jornalista no centro do quadro e promovi uma explosão de ideias sobre essa palavra, de forma livre num primeiro momento, no qual os alunos puderam dizer o que pensavam a respeito, e depois dirigindo o diálogo como questões como: o que lembra? Quantas letras? O que significa? Que tipo de profissão é essa? Onde encontramos?

Conversamos sobre o que faz o jornalista e indiquei uma entrevista a ser feita com um adulto/idoso da família ou do bairro. Criação coletiva de perguntas base para entrevista. Sem esquecer-se de indicar aos alunos que essas perguntas serviriam de base e deveriam ser feitas, mas que eles poderiam perguntar outras coisas que achassem necessárias.

- **Combinações para encerramento**

Desde o período de observação, era comum que alunos interrompessem alguma atividade com manifestações artísticas, ou dissessem, como se quisessem exibir para mim que estava os observando, que sabiam dançar hip hop que eram passistas de escola de samba, entre outros. Pude inferir assim uma manifestação e diversidade cultural bastante evidente e, ainda, a vontade que este grupo de alunos tem de demonstrar aptidões dessa vertente.

Para que isso não viesse a atrapalhar as atividades propostas para a semana, mas fosse sim algo positivo a ser explorado. Propus aos alunos que reservássemos um espaço na semana para que fizéssemos uma atividade de caráter expressivo cultural que culminasse ou não com o encerramento dos nossos encontros.

## **PLANO DIÁRIO - Quarta-feira, dia 12 de maio de 2010.**

### **Conteúdos possíveis**

Crescimento, desenvolvimento e envelhecimento; Noções de sequência relativa à vida humana; Autonomia e organização; Função social da escrita; Produção textual; Coesão; Oralidade; Criatividade; Ortografia da língua escrita; Gêneros literários; Noções de estratégia de jogo.

### **Atividades**

- **Entrega das entrevistas**

Procurei receber e analisar primeiro os achados para melhor intervir em um momento em que os alunos expusessem suas entrevistas.

- **Texto coletivo**

“O menino se olhou no espelho  
e do outro lado do espelho tinha um velho.  
O menino sorriu, o velho também.  
Ou o velho sorriu e o menino também?  
O velho do espelho sentia saudade do menino encantado  
E o menino se encantou com o velho saudoso do espelho.  
Importa é que sorriam.  
Ainda que o menino tenha visto um velho no espelho  
Ou que o velho tenha se visto no espelho um menino.”  
(Fernanda Medida Pantola)

Valendo-me da poesia transcrita acima como motivação prévia, retomando a história de Guilherme Augusto imaginamos a seguinte prospecção: Guilherme cresceu...

Oralmente as crianças deram ideias e com o registro no quadro pela professora das ideias mencionadas, houve um breve debate e, em seguida, iniciamos a construção de um texto coletivamente. Assim, nos identificamos como autores e observamos como podemos tecer as partes de uma história.

- **Tarefa para casa**

Como incentivo a descobertas e aprendizagens para além das cercas da escola. Propus duas atividades, na primeira foi solicitado aos alunos que criassem uma atividade, com resolução ou resposta, sobre um dos textos vistos no dia, ou a poesia ou o texto coletivo, enquanto na segunda, foi proposto um tema livre, os alunos deveriam escolher algo e registrar no caderno como tema livre, não era necessário ser uma atividade estritamente escolar, poderia ser uma brincadeira que fizessem em casa, uma atividade de esporte ou lazer, uma atividade de leitura, música, enfim, o tema foi realmente livre.



- **Rodízio de jogos**

Disponibilizei jogos para que o grupo de alunos se organizasse, explorasse o material e tivesse experiências motivadoras de reflexão e discussão sobre a temática proposta por este planejamento. Possibilitando de forma agradável que se favorecessem o raciocínio lógico-matemático, a estratégia, os enfrentamentos, a competitividade e a cooperação.

Sendo os jogos os seguintes: um jogo da memória com imagens reais de pessoas nas mais diversas situações, idades, etnias e etc; um jogo de memória de três elementos que formam uma sequência lógica, como por exemplo, a figura de um menino, de um homem e de um idoso (representando a mesma pessoa); dois jogos de trilha, um sobre um passeio em um safári, no qual cada aluno recebe uma diferente família, com diferentes configurações e gerações, para que se imagine estar no carrinho de papel que é o peão nesse jogo, e outro chamado “Trilha da vida” onde no tabuleiro havia alguns sinais que indicavam ao peão que parasse nessas casas retirasse uma ficha e procedesse à leitura, nessas fichas estavam descritos fatos comuns da vida cotidiana, positivos ou não, como por exemplo, fez 18 anos, conseguiu ou perdeu o emprego, entre outros.

## **PLANO DIÁRIO - Quinta-feira, dia 13 de maio de 2010.**

### **Conteúdos possíveis**

Aprendizagens não escolares; Percepção não verbal; Expressão gráfica; Ludicidade; Autonomia e organização; Auto-estima; Noções topológicas; Produção textual de gênero lista; Cálculo mental; Operações matemáticas; Coleguismo, cordialidade e noções de coletividade.

### **Atividades**

- **Mostra das tarefas de casa**

Aqui procurei valorizar as produções feitas e as trocas, permitindo a todos que quisessem que expusessem o que fizeram. Conversamos sobre a experiência do tema livre e perguntei suas opiniões sobre a atividade.

- **Resolução de problemas matemáticos**

Aqui foram propostos problemas que envolviam cálculos relativos a idade de sujeitos, que possibilitassem resoluções das mais diversas maneiras. A fim de que os alunos ao deparar-se com tais questões utilizassem estratégias que os permitissem chegar às resoluções. Promover envolvimento, incentivar a ação, a

descoberta, estimular o raciocínio lógico-matemático proporcionando momentos em que a matemática estivesse envolvida por significação, que fizesse sentido, que tivessem relação com a vida prática. Que o aluno pudesse familiarizar-se com o algoritmo sem que lhes fossem negadas outras possibilidades. Aqui, o aluno pôde agir com autonomia.

- **Quadrado Mágico**

Tratou-se de atividade em que foi pedido aos alunos que distribuíssem os algarismos de 1 a 9, sem repeti-los a fim de se obter, nas linhas e colunas, sempre a soma 15. Essa atividade foi proposta para estimular o raciocínio lógico-matemático de forma lúdica e prazerosa, valendo de cálculo mental de adição e seu par, a subtração.

4	9	2
3	5	7
8	1	6

- **Exploração dos achados obtidos através das entrevistas**
- **Gostamos ou não gostamos?**

Atividade avaliativa sobre as atividades e aprendizagens até aqui vivenciadas. Tentativa de verificar através de conversa e questionamentos meus erros e acertos enquanto docente e ainda, como estavam se estabelecendo as relações entre os alunos e como estavam se verificando as aprendizagens.

- **Nossa sala virou museu**

Exposição de reproduções das obras: *Mãezinha*, de Manuel Pereira Madruga Filho; *Equador n°2*, de Manabu Mabe; *Menino com abacaxi* e *Homem e menino*, de Yolanda Mohalyi; *Praia do Gonzaguinha*, de Anita Malfatti. Este será um espaço em aula para que os alunos possam explorar o espaço da sala de aula e as reproduções das obras selecionadas, que eles dramatizem, dialoguem e se imaginem em diferentes papéis no grupo.

Dispostas na sala as obras, os alunos se organizam, sendo um o guia, outro o professor e os demais alunos que serão conduzidos pelo professor à exposição.

- **Trabalho em grupo: “Ditado” a partir de imagens**

Depois de terem explorado o “faz-de-conta” coloquei todas as imagens coladas no quadro e perguntarei a cada um dos alunos que imagem gostou ou não gostou e qual foi aquela que mais te chamou a atenção.

A partir daí dividimos a turma em grupos, de acordo com o interesse pela obra, e distribuí as obras para cada um dos grupos que as exploram. Além da imagem, as informações contidas no verso do material. Observando dados, como nome da obra e autor.

Depois solicitarei uma produção escrita do gênero lista, com palavras inferidas através da imagem ou relacionadas diretamente com a imagem, como cores e formas.

## **PLANO DIÁRIO - Sexta-feira, dia 14 de maio de 2010.**

### **Conteúdos possíveis**

Aprendizagens não escolares; Percepção não verbal; Expressão gráfica e escrita; Crescimento, desenvolvimento e envelhecimento; Noções relativas à vida humana; O Idoso; Autonomia e organização; Autoestima; Produção textual de gênero lista; Leitura; Consciência fonológica; Morfologia; Repertório lexical; Expressão corporal; Manifestação cultural; Coleguismo, cordialidade e noções de coletividade.

### **Atividades**

- **“Ditado” a partir de imagens (individual)**

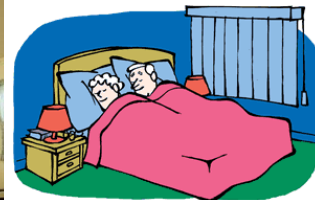
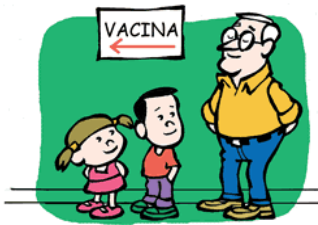
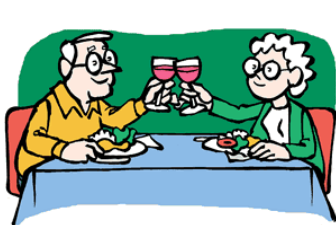
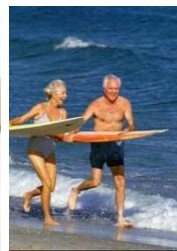
Selecionadas algumas imagens de jornal que mostrassem diferentes pessoas, gerações, situações, ora de reportagens ora de publicidades. Propus a escrita individual de uma lista de palavras e um parágrafo que pensassem ter relação com a imagem. Podendo-se atribuir idades e outras significações às pessoas que ilustram os recortes.

- **Apresentação das imagens do ditado à turma.**

Esta atividade permitiu reflexão, produção escrita e troca de informações. Aqui também foram lidos trechos das reportagens das quais originavam as imagens da atividade anterior. Os alunos deveriam tentar identificar a quais imagens relacionavam-se os trechos lidos. Assim, verificariam as fontes das imagens, o que ilustravam de fato e poderiam comparar ao que pensaram sobre a imagem, verificando acertos, o que era de fato, e erros, o que imaginou diferente.

- **Caixa-surpresa**

Na caixa coloquei imagens de diferentes representações da velhice, para serem retiradas, observadas e descritas aos colegas.



- **Leitura de texto sobre o envelhecimento**

Em círculo, fizemos a leitura silenciosa e oral do texto, que por sua vez foi escolhido por conter tanto informações sobre o envelhecimento quanto vocabulário bastante variado. Apresentando assim, um repertório de palavras e um tipo textual diferente a essa turma, algo de caráter mais técnico e informativo do que artístico-literário.

### **Envelhecimento**

A ciência que estuda o envelhecimento, sob seus múltiplos aspectos, é chamada gerontologia (geron = velho).

Entende-se por envelhecimento as alterações fisiológicas que ocorrem ao longo do tempo nos seres. Pode-se levar em consideração entre as causas: a genética, o estilo de vida e o ambiente em que uma pessoa vive.

A genética explica o envelhecimento através da vida das células, em que há a perda progressiva da capacidade de renovação. O estilo de vida que uma pessoa leva pode contribuir bastante para o seu envelhecimento como, por exemplo, o sedentarismo que faz com que um indivíduo acumule gorduras, açúcares no organismo dificultando a ação dos órgãos. O ambiente também favorece ou não a longevidade de um indivíduo, já que a poluição, o abastecimento sanitário precário, o excesso de trabalho e outros fatores podem aumentar a probabilidade de envelhecimento precoce.

Segundo a Organização Mundial de Saúde é considerado idoso qualquer pessoa a partir de 60 anos de idade, mas vale lembrar que a idade não impede uma pessoa de ser social e intelectualmente ativo, nem que se sinta excluído da sociedade e incapaz de exercer funções.

Os principais problemas que ocorrem durante o período de envelhecimento são os danos no sistema nervoso central, que comprometem a memória tornando-a mais fraca com o passar do tempo. A expressão “envelhecimento ativo” tem crescido consideravelmente, assim como o número de seus adeptos. Trata-se de envelhecer priorizando, além de atividades sociais, as afetivas, profissionais e amorosas. Essas atividades torna mais difícil que ocorram problemas de saúde e psicológicos.

#### **As fases da vida**

A vida costuma ser dividida em três fases: o **desenvolvimento**, a **reprodução** e o **envelhecimento** ou senescência. Essas etapas são naturais da vida de cada espécie e ocorrem de forma seqüencial. O início da senescência é dependente da fase reprodutiva que, por sua vez, é dependente do desenvolvimento.

No entanto, não há uma separação rígida entre as três fases. Em humanos, por exemplo, a capacidade reprodutiva é atingida aos 12 anos, mas o crescimento continua até 20 anos, aproximadamente.

#### **A expectativa de vida humana**

Com o advento da descoberta dos antibióticos, e outros avanços das ciências da saúde, os países desenvolvidos conseguiram retardar o processo do envelhecimento e aumentar a expectativa média de vida humana ao nascer, no século passado.

Ao vencer as causas da morte prematura, a expectativa média de vida da população no Brasil passou de cerca de 41 anos no início do século passado a 69 anos para os homens e 72 para as mulheres atualmente.

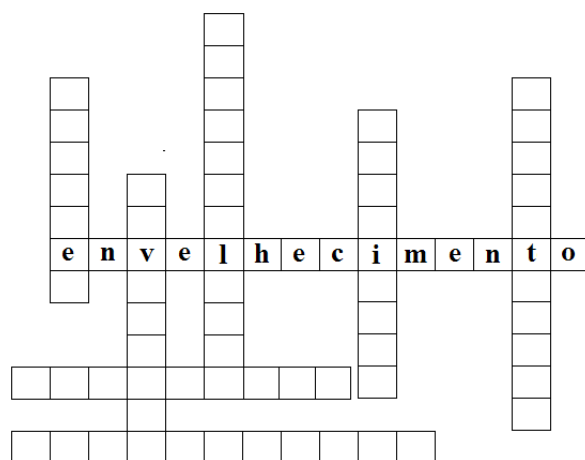
A análise do crescimento populacional de diferentes faixas etárias mostra que o grupo de idosos, com 60 anos ou mais, é o que mais está crescendo no país. De 1980 a 2000, o contingente entre 0-14 anos teve um aumento de 14 % enquanto o grupo de pessoas idosas cresceu 107 %.

Isso é um enorme desafio para o país em relação aos idosos. Porque se torna necessário investir na implementação de políticas públicas para criar condições de vida saudável e de qualidade para a população de idosos que cresce progressivamente.

*Maria Edwiges Hoffman é bioquímica e divulgadora científica*

- **Palavras-cruzadas**

Escrita ortográfica de palavras do vocabulário do texto.



1. expectativa
2. população
3. desenvolvimento

4. crescer
5. juventude
6. gerontologia
7. qualidade

- **Você Sabia?**

Fichas com informações importantes e interessantes a serem lidas e discutidas pela turma sobre os seguintes temas: envelhecimento; os idosos no Brasil; expectativa de vida média da população brasileira; a participação do idoso na família, na sociedade, no trânsito e em acidentes domésticos; o sexo na terceira idade; aposentadoria; o Estatuto do Idoso e suas disposições sobre: saúde; transportes coletivos; violência e abandono; lazer, cultura e esporte.

- **Desenho de alguém velho**

Representação gráfica espontânea e pouco dirigida sobre a velhice. Assim se possibilitou, sendo solicitado apenas que desenhassem alguém velho, atribuindo nome e idade e escrevendo o que ele está fazendo, ver as representações e significações da velhice, através da representação gráfica dos alunos.

- **Encerramento**

Aqui procurei favorecer que o aluno pudesse ser ativo na organização de todos os momentos de encerramento. Que mediante solicitação do professor fossem definidas as tarefas e sequências das realizações oferecendo-lhes, dessa forma, oportunidades para manifestação da autonomia. Procurei promover uma atividade que tivesse relação ao perfil daquela turma, viesse a favorecer o desenvolvimento das potencialidades físicas, sócio-afetivas e intelectuais das crianças. Atividades desafiadoras, significativas e prazerosas de manifestações artísticas que favorecem a criatividade e o respeito à diversidade cultural.